

## Referências bibliográficas

1. ASKER, B. **Some reflections on English as a ‘semi-sacred’ language**. In: *English Today 85*, Vol. 22, nº 1 (January 2006). Cambridge University Press, 2006.
2. BAKHTIN, M. **Problems of Dostoevsky’s Poetics**. Trans. By r. w. Rostel. Ann Arbor, MI: Ardis, 1973
3. \_\_\_\_\_. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 2<sup>a</sup> ed. SP: Hucitec, 1981.
4. \_\_\_\_\_. **Problems of Dostoevsky’s Poetics**. University of Minnesota Press, 1984.
5. \_\_\_\_\_. **Os gêneros do discurso**. In: *Estética da criação verbal*, p. 278 – 326. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
6. BAKHTIN, M. M. **The problem of speech genres**. In: *Speech, Genres and Other Late Essays*, p. 60 – 120. Austin: University of Texas, 1986.
7. BARTHES, R. **The death of the author**. *In Image, Music, Text*. New York: Hill, 1977.
8. BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2005.
9. BONINI, A. **Gênero textual discursivo: o conceito e o fenômeno**. In: *Gêneros Textuais: Teoria e Prática*. Londrina: Moria, 2004.
10. BELMIRO, C. A. **A imagem e suas formas de visualidade nos livros didáticos de Português\***. Educação & Sociedade, ano XXI, nº. 72, agosto 2000. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/es/v21n72/4191.pdf>>. Acesso em 26 de novembro de 2006 às 15h:16min.
11. BITTENCOURT, C. M. F. **Autores e editores de contemporâneos e livros de leitura (1810 -1910)**. In: *Educação e pesquisa*. São Paulo, v. 30, n.3, p. 475 – 491, set / dez 2004.
12. BLUME, M. **If you can’t master English, try Globish**. International Herald Tribune. Disponível em <<http://www.ihf.com/articles/2005/04/21/features/Blume22.php>>. Acesso em 22 de dezembro de 2006 às 11h:05min.
13. BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua estrangeira**. Brasília, DF: MEC / SEF, 120p, 1998.
14. CABRAL, P. **Revolução tecnológica e direito autoral**. [s.l.]: Sagra Luzzato, 1998.

15. CANAGARAJAH, A. S. **Resisting linguistic imperialism in English teaching**. Oxford: Oxford University Press, 1999.
16. CARLA. <<http://www.carla.umn.edu/culture/definitions.html>>. Acesso em 04 de Janeiro de 2007 às 10h:05min.
17. CASSIANO, C. C. F. **Mercado de livro didático no Brasil**. São Paulo: PUCSP, 2004.
18. CHAPELLE, C. A. & DUFF, P. A. **Some guidelines for conducting quantitative and qualitative research in TESOL**. In: *TESOL Quarterly*. Vol. 37, nº1, Spring 2003.
19. CHARTIER, R.. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 2002.
20. CLONINGER, S. C. **Teorias da personalidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
21. CONCEIÇÃO, R. I. S. **A leitura no livro didático: uma dicotomia entre o discurso e a prática**. In: *Linguagem & Ensino*, Vol. 8, Nº 1, 2005 (51 – 72). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.
22. COOK, G. **Applied linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2003.
23. CORRÊA, R. L.T. **O livro escolar como fonte de pesquisa em História da Educação**. Caderno Cedes, ano XX, nº52, novembro, 2000.
24. CRYSTAL, D. **The Cambridge encyclopedia of the English language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
25. CUNNINGSWORTH, A. **Evaluating and selecting EFL teaching materials**. London: Heinemann Educational Books, 1984.
26. DORIGATTI, B. **Tecnosubversivos**. Disponível em <<http://portalliteral.terra.com.br/Literal/calandra, 2005>>. Acesso em 23 de outubro de 2006 às 22h:34min.
27. ESPINHEIRA F. R. **Tumulto de amor e outros tumultos – criação e arte em Mário de Andrade**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
28. FORTUNATO, M.V. **Autoria sob a materialidade do discurso**. Dissertação Mestrado em Educação. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2003.
29. FOUCAULT, M. **What is an author?** In: *Textual Strategies: Perspectives in Post-Structuralist Criticism*. Ed. Josué V. Harari. Ithaca, N. Y.: Cornell University Press, 1979.
30. FOWLER, F. J. Jr. **Survey Research Methods**. Thousand Oaks: CA, Sage, 1984.

31. FUNARI, P. P. A. **Mirabilia – Revista eletrônica de história antiga e medieval**, ISSN 1676-5818. Entrevista concedida a Luiz Estevam de Oliveira Fernandes. São Paulo: UNICAMP, 2001.
32. GIMENEZ, T. **Referências recentes sobre língua inglesa, mídia e escola no contexto brasileiro**. In: *Linguagem & Ensino*, Vol. 9, No. 1, 2006 (251-266).
33. \_\_\_\_\_. **English language teaching and the challenges for citizenship and identity in the current century**. Maringá: Acta Scientiarum, v.23, n.1, p.127-131, 2001.
34. GODOY, A. S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, nº2, pp 57 – 63, mar./abr., 1995.
35. HALLYDAY, M. A. K. **Introduction (p. ix – xxv)**. In: *An introduction to functional grammar*. 2ª ed. London: Edward Arnold, 1994.
36. HASSAN, R. **Text and context**. In *Ways of Saying: Ways of Meaning*. London: Cassel, 1996.
37. HOLLIDAY, A. **Appropriate methodology and social context**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
38. HOLMES, J. **An introduction to sociolinguistics**. Longman, 1997.
39. HOWATT, A.P.R.; WIDDOWSON, H.G. **A history of English language teaching**. Oxford: Oxford University Press, 2004.
40. IVANIC, R. **Writing and identity – the discursual construction of identity in academic writing**. Amsterdam / Philadelphia: Johns Benjamins Publishing Company, 1998.
41. JOHNS, A. M.. **Discourse communities and communities of practice**. In: *Text, Role, and Context: Developing Academic Literacies*, p. 51 – 165. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
42. JOHNS, A. M. **Introduction: genre in the classroom**. In: *Genre in the classroom: Multiple perspectives*. Mahwah, N. J.: Lawrence Erlbaum, 2002.
43. KAZUMI, M. **Produzindo livros didáticos e paradidáticos**. Tese (Doutorado em História e Filosofia da Educação. PUC-SP, 1997.
44. KRAMSCH, C. **The cultural discourse of foreign language textbooks**. In: *A Singerman (Ed.), Towards a new integration of language and culture*. Middlebury, VT: Northeast Conference, pp 63 – 88, 1988.
45. LAJOLO, M e ZILBERMAN, R.. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1999.

46. LEFFA, V. J. **Metodologia do ensino de língua**. In: *BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. Tópicos em lingüística aplicada: O ensino de línguas estrangeiras*. Florianópolis: Ed. Da UFSC., p. 211 – 236, 1988.
47. MARCUSCHI, L. A. **A questão do suporte dos gêneros textuais**. UFPE / CNPq. Versão provisória de 18 / 05 / 2003.
48. MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1986.
49. MEC. **Resumo físico financeiro, por estado, do atendimento com livros didáticos do PNLD/2006**. Disponível em: [http://www.fnde.gov.br/home/livro\\_didatico/resumo\\_fisico\\_financeiro\\_01.pdf](http://www.fnde.gov.br/home/livro_didatico/resumo_fisico_financeiro_01.pdf) >. Acesso em 07 setembro 2006 às 10h50min.
50. MIRZOEFF, N. **The visual culture reader**. London and New York: Routledge Taylor & Francis Group, 2002.
51. OLIVEIRA, E. & OLIVEIRA M, I. **O livro didático na era do espetáculo: uma análise discursiva do processo de espetacularização nos livros didáticos de inglês como LE**. Falla dos Pinhaes, Espírito Santo de Pinhal, SP, v.2, n.2, jan. / dez. 2005.
52. Ostermann, A. N.; Dowdy, J. D.; Lindemann, S.; Türp, J. C.; Swales, J. M. **Patterns in self-reported illness experiences: letters to a TMJ support group**. In: *Language & Communication 19*, 127 – 147, 1999.
53. OSTROWER, F. **Criatividade e processos de criação**. Petrópolis: Vozes, 2004.
54. PALTRIDGE, B. **Genre and the language learning classroom**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2001.
55. PERROTA, C. **Um texto para chamar de seu – preliminares sobre a produção do texto acadêmico**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
56. PRABHU, N S. **Second language pedagogy**, Oxford: Oxford University Press, pp 94-95, 1987.
57. RICCI, Simone. **Indústrias criativas e educação e treinamento**. Disponível em: <http://www.britishembassy.gov.uk>>. Acesso em 14/10/2006 às 12h40min.
58. RICHTER, M. G. **Pedagogia de projeto – da gramática à comunicação**. In: *Linguagem & Ensino*, Universidade Federal de Santa Maria, vol. 6, nº 1, p. 129 – 179, 2003.
59. SAAB, W. G. L.; GIMENEZ, L. C. P.; RIBIERO, R. M. **Cadeia de Comercialização de Livros. Gerência setorial de comércios e serviços do BNDS**, 1999.

60. SACKS, H. **Notes on methodology.** In: *Atkinson & Heritage (eds.) Structures of social action: studies in conversation analysis.* Cambridge: Cambridge University Press, pp. 21 – 27, 1984.
61. SHULTZ, R. **História da língua inglesa.** Disponível em <<http://www.sk.com.br/sk-enhis.html>>. Acesso em 12 de outubro de 2006 às 15h: 15 min.
62. SOARES, M. **Presença pedagógica: Um olhar sobre o livro didático,** V. 2, n. 12, nov. / dez, 1996.
63. SOARES, M. **Livro didático: contra ou a favor?** Ano. Nº 12. Disponível em <[www.multirio.rj.gov.br/nosdaescola](http://www.multirio.rj.gov.br/nosdaescola)>, 2003.
64. SOUZA, D.M. **Autoridade, autoria e livro didático.** In: *M. J. Coracini (org.) Interpretação, autoria e legitimação do livro didático.* Campinas: Pontes, pp. 27 -31, 1999.
65. SWALES, J. M. **Genre analysis: English in academic and research settings.** Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
66. UR, P. **A course in language teaching.** Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
67. WRIGHT, T. **Roles of teachers & learners.** Oxford: Oxford University Press, 1991.
68. SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral.** Trad de A. Chelini, José P. Paes e I. Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1969.
69. VASSILAKIS, G. **Materials and methods: Need they be in conflict?** In: *TESOL Greece Saturday seminar on material choice and development in the EFL classroom.* 9th February, 1997.
70. VILLELA, H. **Construtores de uma pedagogia ‘à brasileira’: Felisberto de Carvalho e Francisco Alves, um encontro gerador.** In: *1 Seminário Brasileiro sobre livro e história editorial.* Rio de Janeiro: UFF, 2004.
71. WOODMANSEE, M. **The genius and the copyright: economic and legal conditions of the emergence of the author.** *Eighteenth Century Studies* 17 p. 425– 448, 1984.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO

**RESUMO FÍSICO FINANCEIRO, POR ESTADO, DO ATENDIMENTO COM LIVROS  
DIDÁTICOS DO PNLD/2006**

UF	PNLD /2006					
	Alunos Beneficiados	Escolas Beneficiadas	Qtde de Exemplares	Valores		
				Aquisição	Distribuição	Total
1 AC	151.321	1.518	377.869	1.791.860,12	491.567,23	2.283.427,35
1 AM	780.655	4.659	1.655.266	8.052.177,20	1.906.225,79	9.958.402,99
1 AP	131.091	618	286.031	1.359.891,98	317.131,62	1.677.023,60
1 PA	1.506.922	11.514	2.936.159	13.818.528,59	3.020.327,36	16.838.855,95
1 RO	293.260	1.965	529.895	2.483.303,05	670.507,17	3.153.810,22
1 RR	80.499	689	176.783	892.452,18	247.925,65	1.140.377,83
1 TO	248.209	1.903	474.673	2.286.881,25	617.071,87	2.903.953,12
2 AL	688.286	3.087	1.408.134	6.730.347,88	1.502.465,56	8.232.813,44
2 BA	2.611.536	20.738	3.615.567	16.796.309,12	4.254.030,59	21.050.339,71
2 CE	1.469.779	8.681	2.323.055	11.452.316,76	2.828.898,63	14.281.215,39
2 MA	1.397.385	11.920	2.917.947	13.932.853,25	3.703.664,73	17.636.517,98
2 PB	749.907	5.736	1.451.616	6.809.021,44	1.787.152,75	8.596.174,19
2 PE	1.461.789	8.511	2.639.195	12.540.885,39	3.133.541,46	15.674.426,85
2 PI	629.065	6.668	1.299.372	6.262.228,17	1.534.876,95	7.797.105,12
2 RN	501.694	3.250	735.812	3.660.914,62	852.442,66	4.513.357,28
2 SE	373.112	2.019	790.276	3.642.756,30	875.878,42	4.518.634,72
3 ES	502.138	2.800	820.687	3.854.754,91	1.036.525,69	4.891.280,60
3 MG	3.111.488	11.847	3.458.649	17.017.303,08	3.749.490,00	20.766.793,08
3 RJ	2.029.558	5.175	2.027.767	9.903.650,18	2.082.886,03	11.986.536,21
3 SP	5.119.593	10.159	6.412.209	29.292.253,15	2.897.036,03	32.189.289,18
4 PR	1.529.462	5.773	1.934.226	9.144.788,83	2.074.912,59	11.219.701,42
4 RS	1.493.589	7.627	2.052.685	9.518.123,57	2.522.857,14	12.040.980,71
4 SC	871.310	3.820	1.025.030	5.068.041,93	1.155.488,59	6.223.530,52
5 DF	306.364	497	574.716	2.861.165,68	562.920,74	3.424.086,42
5 GO	888.079	3.107	1.090.133	5.559.157,12	1.270.938,34	6.830.095,46
5 MS	396.956	836	626.436	3.007.344,08	664.626,20	3.671.970,28
5 MT	541.398	2.290	605.108	3.159.084,27	706.839,20	3.865.923,47
<b>TOTAL</b>	<b>29.864.445</b>	<b>147.407</b>	<b>44.245.296</b>	<b>210.898.394,10</b>	<b>46.468.228,99</b>	<b>257.366.623,09</b>

**Anexo 2 - Autores de livros-texto para o ensino do inglês como língua estrangeira do final do século XVII e do século XVIII**

**Anexo 2 - Autores de livros-texto para o ensino do inglês como língua estrangeira do final do século XVII e do século XVIII**

Língua mãe	Francês	Alemão	Holandês	Italiano	Espanhol / Português	Dinamarquês/ Sueco	Russo
<b>Até 1700</b>	Festeau (1672) Miège (1685) Mauger-Festeau (1693)	Offelen (1687)	'Schoolmaster' (1646) Hillenius (1664) Van Helderan (1675)		Howell (1662)		
<b>1700 - 1725</b>	Boyer-Miège (1718) (11*)	König (1706) (18*)	Sewel (1705)				
<b>1725 - 1750</b>				Altieri (1728) (7*)	de Castro (1731) (Port.) (7*)	Kullin (1744) (Sw.) Kraak (1748) (Sw.) Bertram (1749) (Dan.)	
<b>1750 - 1775</b>	Peyton (1761) (10*) Siret (1773) (18*)		Smith (1752)	Barker (1766) (10*)			Permskii (1766) Zhdanov (1772)
<b>1775 - 1800</b>		Sammer (1783) Moritz (1784) Canzler (1787) Ebers (1792) Fick (1793) Köhler (1799)			Connelly (1784)		Kryazhev (1791/ 95)

\* = nº de edições até 1800.

Datas baseadas nos primeiros livros-texto produzidos mencionados por R. C. Alston (ed.) *Bibliografia*, vol. II (1967)

Tabela 5.1 Seleção de autores de textos para o ensino de Inglês como língua estrangeira do final do século dezesete e do século dezoito.<sup>1</sup>

HOWATT, A.P.R.; WIDDOWSON, H.G. (2004, p. 67) (Trad. do autor)\*

Anexo 2 - Autores de livros-texto para o ensino do inglês como língua estrangeira do final do século XVII e do século XVIII (sem trad. do autor)

Mother tongue	French	German	Dutch	Italian	Spanish / Portuguese	Danish/ Swedish	Russian
To 1700	Festeau (1672) Miège (1685) Mauger-Festeau (1693)	Offelen (1687)	'Schoolmaster' (1646) Hillenius (1664) Van Heldoran (1675)		Howell (1662)		
1700 - 1725	Boyer-Miège (1718) (11*)	König (1706) (18*)	Sewel (1705)				
1725 - 1750				Altieri (1728) (7*)	de Castro (1731) (Port.) (7*)	Kullin (1744) (Sw.) Kraak (1748) (Sw.) Bertram (1749) (Dan.)	
1750 - 1775	Peyton (1761) (10*) Siret (1773) (18*)		Smith (1752)	Barker (1766) (10*)			Permskii (1766) Zhdanov (1772)
1775 - 1800		Sammer (1783) Moritz (1784) Canzler (1787) Ebers (1792) Fick (1793) Köhler (1799)			Connelly (1784)		Kryazhev (1791/ 95)

\* = nº of editions to 1800.

Dates based on earliest locally produced textbooks mentioned in R. C. Alston (ed.) *Bibliografia*, vol. II (1967)

Table 5.1 Selected late seventeenth- and eighteenth-century authors of texts for the teaching of English as a foreign language. <sup>1</sup>

HOWATT, A.P.R.; WIDDOWSON, H.G. (2004, p. 67)



DEPARTAMENTO DE LETRAS - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO  
ÁREA DE ESTUDOS DA LINGUAGEM  
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO  
MARA LÚCIA FABIANO SOARES

Caro(a) autor (a),

Suas informações servirão como base para a identificação de padrões e temas a serem investigados na minha dissertação de mestrado intitulada: *O papel do autor de livro didático para o ensino de língua inglesa como uma língua estrangeira: um estudo de identidade autoral* (2007), sob a orientação da professora Barbara Jane Wilcox Hemais – Doutora pela UFRJ, Brasil.

Este questionário será complementado por uma posterior entrevista a ser realizada pessoalmente em data e horário previamente estipulado entre mim - a entrevistadora - e o entrevistado. Os resultados desta pesquisa servirão, exclusivamente, para a análise e elaboração de hipóteses sobre o tema desta dissertação.

Será mantido total sigilo a respeito da identidade dos entrevistados, aos quais serão atribuídos nomes fictícios escolhidos de forma cuidadosa a fim de não estabelecerem nenhum vínculo ou semelhança com os nomes verdadeiros.

Será totalmente vedada a divulgação dos dados aqui coletados para qualquer outra finalidade que não para a pesquisa acima mencionada.

Aos entrevistados será reservado o direito de receberem cópia do trabalho final, após a defesa e / ou publicação do mesmo.

Desde já, muito obrigada pela sua colaboração.

**Questionário para dissertação de mestrado para autores de livros didáticos de  
língua inglesa como língua estrangeira**

**Formação acadêmica:**

Qualificação mais recente:

\_\_\_\_\_

( ) Completo      Data de conclusão: \_\_\_\_\_  
( ) Incompleto

Instituição de ensino: \_\_\_\_\_

**Sobre a presente função como autor:**

Tempo de experiência nessa função: \_\_\_\_\_

A editora para qual trabalha atualmente é: ( ) Nacional      ( ) Estrangeira

Possui outros trabalhos publicados: ( ) SIM      ( ) NÃO

Que recursos utiliza regularmente para desenvolver seu trabalho:

( ) Internet ( ) Dicionários ( ) Gramáticas ( ) Jornais ( ) Revistas

( ) Outros: \_\_\_\_\_

Exerce outra função profissional paralela?

( ) SIM      Qual (is)? \_\_\_\_\_

( ) NÃO

Você participa do plano de marketing do material que desenvolve (valor final do produto para o consumidor, treinamento de professores, data de lançamento...)?

( ) SIM ( ) NÃO

Acha importante essa participação do autor? Explique:

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Durante a confecção do livro didático você opta por temas:

( ) Atuais ( ) Informativos ( ) Curiosos ( ) Relacionados à cultura fonte  
( ) Relacionados à cultura alvo

( ) Outros: \_\_\_\_\_

Durante o processo de criação, ao selecionar textos, compor enunciados e elaborar atividades, que aspectos você leva em conta em relação ao público alvo?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Uma definição corrente de *visão de língua* diz respeito ao Inglês ser uma língua globalizada e também sobre que tipo de *Inglês* está sendo propagado quando se transmite o ensinamento desse idioma. Essa visão de língua reflete a **sua** também?  
 SIM  NÃO

Explique:

---



---



---



---



---

A editora para qual você trabalha endossa essa sua visão?

SIM  NÃO

Uma definição de *ensino da língua* diz respeito a questões sobre a abordagem (estruturalista, comunicativa) e métodos utilizados. Como você analisa a **sua** visão de ensino da língua?

---



---



---



---



---

A editora para qual você trabalha endossa essa sua visão?

SIM  NÃO

Uma vez publicada a sua obra você acompanha os desdobramentos da mesma? (Avalia se os objetivos propostos foram alcançados? Participa do processo posterior de revisão e atualização do livro?...)

Explique:

---



---



---



---



---

Como você se sente em relação à influência das novas tecnologias como os sites especializados em aulas de Inglês *on-line* e os *e-books*? Explique:

---



---



---

---

---

Como você se sente em relação à possível cópia ilegal de sua obra?

---

---

---

---

---

Sua obra por si só cumpre inteiramente os objetivos estabelecidos? Ou para efetivar o uso satisfatório do livro é necessário o uso de materiais e recursos adicionais tais como: professores treinados, material impresso complementar e recursos audiovisuais?

Explique:

---

---

---

---

---

Se eu disser que existe uma suposição de que o autor de livro didático para o ensino de língua inglesa como uma língua estrangeira não se sente inteiramente o autor do seu próprio livro. Você concordaria com essa hipótese?

( ) SIM ( ) NÃO

Explique:



## **ANEXO 4 – Tópicos gerais para a entrevista**

Tópicos gerais para a entrevista:

1. Existe algum tema que não foi mencionado no questionário sobre o qual você acha relevante discorrer?
2. Como autor de LD você se sente um “autor menor”, com menos prestígio ou poder de decisão em relação aos outros tipos de autores?
3. Em relação ao tópico que diz respeito a como você se sente em relação à possível cópia ilegal de sua obra, sua resposta foi motivada por quais convicções?
4. Como você se sente quando encontra no LD de um outro autor algum conteúdo bastante semelhante ao seu?
5. Enquanto elabora seu material, você se previne de alguma forma em relação ao acesso indevido por terceiros a esse material? (plágio, espionagem).
6. Você concorda com a afirmação de que as publicações atualmente são todas muito parecidas? Como você explica esse fato?
7. Você acha imprescindível que o autor de LD tenha sido, ou seja, professor da matéria sobre a qual ele escreve? Por quê?
8. Como você se sente em relação às críticas e revisões do seu trabalho?

## **Anexo 5**

### **Transcrição da entrevista com o autor XX**

- 01 *Pesquisadora* **Existe algum tópico que não foi mencionado no questionário sobre**  
 02 **o qual você acha relevante discorrer?**
- 03 *XX* Bem, não que eu tenha percebido no momento. Acho que o  
 04 questionário estava super-bem elaborado, bem amplo. Se eu conseguir  
 05 pensar em alguma coisa durante a entrevista eu falo pra você.
- 06 *Pesquisadora* **Como autor de LD você se sente um “autor menor”, com menos**  
 07 **prestígio ou poder de decisão em relação aos outros tipos de**  
 08 **autores?**
- 09 *XX* Você quer dizer autores de romances e novelas e coisas do tipo? Eu não  
 10 sei se é uma questão de ser menor ou maior. Eu acho que com certeza  
 11 em relação ao autor literário eu não tenho a capacidade que eles têm...  
 12 eu acho que é um trabalho completamente diferente, eu acho que aí vai  
 13 muito além da capacidade pedagógica, né? É uma atividade que exige  
 14 uma criatividade enorme, um domínio gigantesco de outras coisas que  
 15 não se exige de um autor didático. Eu acho que o autor didático ele tem  
 16 que conhecer bastante sobre o conteúdo que ele está escrevendo a  
 17 respeito e também sobre como o processo de aprendizado, ensino-  
 18 aprendizado se dá. Eu acho que exigem-se outras coisas que não se  
 19 exige de um autor literário. Eu não sei se é uma questão de maior ou  
 20 menor, é uma questão completamente diferente. Eu não vejo nem como  
 21 a gente pode comparar isso.
- 22 *Pesquisadora* **Você acha que existe um desprestígio assim em relação ao autor de**  
 23 **LDs. Ele é menos prestigiado Pela sociedade ? pela sociedade em**  
 24 **geral, pelo meio editorial, pelo meio acadêmico?... Você acha que**  
 25 **existe um prestígio... um desprestígio se comparar o autor de LD ao**  
 26 **autor literário, ao autor de outros gêneros?**
- 27 *XX* Eu acho que o autor literário ele tem mais prestígio com certeza no  
 28 meio acadêmico, mas eu acho que quando a gente pensa no aluno, é eu  
 29 acho que a gente não tem noção de como que eles valorizam, ou seja,  
 30 eu tive contato com alunos que usam né? a série que eu trabalhei e eles  
 31 ficam assim encantados de saber que tem uma pessoa ali por trás, eles  
 32 ficam assim: “Foi você que escreveu meu livro?” Eles acham que eles  
 33 nunca na vida vão poder ter acesso a essa pessoa que escreve o livro  
 34 pra eles. Eles imaginam que seja uma coisa assim totalmente fora do  
 35 normal. E até assim pessoas que são assim do meu conhecimento, tipo  
 36 assim afilhados, eles acham assim o MÁXIMO!, né? que a dinda tenha  
 37 escrito um livro, sabe, então eu acho que quando a gente pensa nos  
 38 alunos eu acho que a gente tem um prestígio bastante grande. No meio  
 39 acadêmico eu acho que nem tanto até porque eu acho que o LD com  
 40 frequência ele é muito criticado. Então eu acho que esse prestígio cai  
 41 um pouco no meio acadêmico.
- 42 *Pesquisadora* **Interessante..**  
 43 **Em relação ao tópico que diz respeito a como você se sente em**  
 44 **relação à possível cópia ilegal de sua obra, sua resposta foi**  
 45 **motivada por quais convicções?**
- 46 *XX* Bem, eu disse que acho um absurdo, né? É uma coisa então bastante  
 47 forte. [pausa.]
- 48 *Pesquisadora* **Quais são essas convicções, essas né? O que faz você achar isso um**  
 49 **absurdo? São questões assim relacionadas a princípios legais, é..**  
 50 **crenças que você tem, alguma questão econômica, alguma questão**  
 51 **pessoal, alguma questão de identidade..**
- 52 *XX* Não, eu tô achando muito engraçado essa pergunta agora porque como  
 53 aluna eu vira-e-mexe faço *xérox* de texto, então assim, há uma  
 54 contradição básica, né? Quando a gente está na posição de alunos acaba  
 55 agindo como os alunos mesmo. Agora, quando você se vê do outro lado

- 56  
57  
58  
59  
60  
61  
62  
63  
64  
65  
66 *Pesquisadora* **Umhum... Entendi.**  
67 **Como você se sente quando encontra no LD de um outro autor**  
68 **algum conteúdo bastante semelhante ao seu?**  
69 *XX* Olha, eu acho ótimo. Se for um livro que eu ache que é bom eu acho  
70 que não tem problema nenhum porque... se a gente tá pensando  
71 parecido ,né, que a gente tem é... se a gente tá pensando parecido eu  
72 acho que tudo isso deve ser positivo, se for de um livro que eu respeito  
73 (*sic*), que eu acho que é um bom material. Eu acho que no final das  
74 contas tem sempre aqueles tópicos que são os tópicos da onda, que  
75 você não tem muito como evitar, então você pode encontrar textos  
76 sobre tópicos parecidos. É.... as próprias atividades, às vezes também  
77 você encontra coisas parecidas, então eu não vejo nenhum problema em  
78 relação a isso desde que seja um material de boa qualidade.  
79 *Pesquisadora* **E se não for...**  
80 *XX* E se não for uma cópia, obviamente.  
81 *Pesquisadora* **Hummm... mas se o material não for de boa qualidade, isso de**  
82 **alguma forma te (*sic*)atingiria?**  
83 *XX* É, se for um material que eu acho que não é de boa qualidade, eu  
84 poderia começar a pensar: a gente tá pensando parecido mesmo ou será  
85 que não foi uma idéia tão original assim?  
86 *Pesquisadora* **Hummm... OK. Entendi...**  
87 **Enquanto elabora seu material, você se previne de alguma forma**  
88 **em relação ao acesso indevido por terceiros a esse material?**  
89 **(plágio, espionagem).**  
90 *XX* Você quer dizer pessoas que não tenham, não dar acesso a pessoas que  
91 não são do *business*, da área? Sim. Acho que isso tem que ser feito.  
92 *Pesquisadora* **De repente assim, em relação a algum concorrente, você se previne**  
93 **quanto a isso? Você toma precauções para que o seu trabalho**  
94 **enquanto está sendo elaborado, ele não seja assim “visitado” por**  
95 **terceiros?**  
96 *XX* Bem, eu acho que sim. Por que na verdade assim, eu jamais entrego  
97 uma cópia pra um concorrente ou deixo ele ter acesso ao computador,  
98 né? Assim... Sim, com certeza.  
99 *Pesquisadora* **E por que que você tem essa atitude? Você tem consciência do que**  
100 **que norteia esse procedimento?**  
101 *XX* Bem, eu acho que isso é até uma exigência da editora, né? Que a gente  
102 não deixe o material de fácil acesso a outros... né? Até o lançamento é  
103 uma coisa que é interna e que não tem que ser exposto a olhares de  
104 estrangeiros, né? Eu acho que o único olhar assim que você expõe, e  
105 que a gente faz durante o processo é colher *feedback* de professores.  
106 Tá? Então, são olhares que de certa maneira são estranhos ou  
107 estrangeiros ao processo, mas que é importante que a gente tenha esse  
108 feedback.  
109 *Pesquisadora* **Você concorda com a afirmação de que as publicações atualmente**  
110 **são todas muito parecidas? Em caso afirmativo, como você explica**

- 111 esse fato? Porque provavelmente você manuseia vários materiais,  
 112 né? Assim pra ter idéias, pra conhecer... Você acha que eles estão  
 113 muito parecidos hoje em dia, em termos de conteúdo, de imagens,  
 114 de abordagens, de metodologia? Sim ou não? Se você acha que sim,  
 115 o que que motiva essa homogeneidade? Essa...
- 116 *XX* Não sei se eles são tão parecidos assim, mas você quer dizer assim  
 117 materiais que são escritos para uma faixa etária, com o mesmo nível de  
 118 língua?
- 119 *Pesquisadora* **Sim... Por exemplo, se você pegar assim vários livros para o ensino**  
 120 **de língua inglesa para o nível intermediário, por exemplo, você vai**  
 121 **achar que eles são parecidos? A abordagem, o tipo de tópicos, o**  
 122 **conteúdo, o tema?**
- 123 *XX* É, eu acho assim, se for um material que queira ser um material atual,  
 124 eu acho que a gente vai ter um *overlap* de tópicos, sim, né? Porque tá  
 125 todo mundo alerta pro que tá acontecendo no mundo hoje, né? Por  
 126 exemplo, tá, um dos tópicos que eu coloquei no material foi justamente  
 127 o *tsunami*. Eu acredito que muitos outros autores que estão trabalhando  
 128 nessa mesma época vão colocar *tsunami* nos seus livros, né? porque é  
 129 (?) tragédia, todo mundo é, quer dizer, ninguém conhecia nada sobre  
 130 *tsunami*, então eu acho que em relação aos tópicos eu acho que tende a  
 131 haver isso, sim. Em relação a *layout* eu não sei, acho que se a gente for  
 132 comparar, por exemplo, os materiais nacionais com materiais  
 133 internacionais, eu acho assim que os materiais internacionais eles  
 134 tendem assim a ser um pouco mais conservadores em relação a  
 135 questões de *layout*. Que mais que você mencionou?
- 136 *Pesquisadora* **É. Método. A metodologia que está implantada ali, naquele**  
 137 **formato de livro. Por exemplo, você acha que os livros todos ou**  
 138 **quase todos, é... têm a tendência atualmente de tratar o método**  
 139 **comunicativo/ comunicativo? De tratar a aprendizagem, o ensino da**  
 140 **língua de forma comunicativa?**
- 141 *XX* Eu acho que hoje em dia, sim. Eu acho que isso não é uma abordagem  
 142 nova, já é uma abordagem que já tem um tempo, mas eu acho que é a  
 143 que tá vigorando hoje em dia. Então, eu acho que sim.
- 144 *Pesquisadora* **E você acha que isso tem tornado os livros parecidos de certa**  
 145 **forma?**
- 146 *XX* [Pausa] Eu não sei dizer. Assim, eu já trabalhei com tantos livros  
 147 diferentes como professora, tá? Não sei, não sei dizer...
- 148 *Pesquisadora* **Umhum...**
- 149 *XX* Não saberia dizer, eu acho que não. Tem um monte de livro que você  
 150 ainda olha e fala assim: eu acho esse livro super-legal, ai olha esse aqui,  
 151 esse tem uma carinha careta, umas atividades não são atividades  
 152 interessantes pro aluno, então eu acho, eu acho que não.
- 153 *Pesquisadora* **OK. Você acha imprescindível que o autor de LD tenha sido, ou**  
 154 **seja, professor da matéria sobre a qual escreve? Por quê?**
- 155 *XX* Eu acho essencial.
- 156 *Pesquisadora* **Por quê?**
- 157 *XX* Porque eu acho que a vivência de sala de aula é tudo, né? E eu acho  
 158 assim, quando você escreve um livro você tem que tá pensando é, não  
 159 só em você, você tem que tá pensando no aluno pra quem você vai  
 160 escrever. Eu acho muito complicado a pessoa que escreve, por  
 161 exemplo, um livro para... é... não sei, para ser usado em qualquer  
 162 colégio do país, né? assim tá, mas qualquer colégio, que colégio é esse?  
 163 que aluno é esse? Você não tem uma clareza de quem é o teu público  
 164 alvo, eu acho isso bastante complicado. Então eu acho que deveria ser  
 165 da sala aula, quer dizer, você conhece o aluno na tua sala de aula, não

- 166 só mais fortemente e... repete por favor a pergunta...
- 167 *Pesquisadora* **É. Se você acha imprescindível que ele tenha sido professor ou**
- 168 **ainda que esteja atuando..**
- 169 *XX* Ah, sim. Eu acho que sim. Eu acho até porque você vai saber melhor
- 170 como é que o aluno aprende desde que o teu aluno em sala de aula seja
- 171 o aluno para o qual você está escrevendo um livro. Por que se você é
- 172 um professor de criança, você trabalha com criança em sala de aula e
- 173 você está escrevendo um livro para adultos eu acho que aí pode ser
- 174 bastante complicado, né? Eu acho que você tem que ter uma vivência
- 175 em sala de aula próxima do que você está fazendo como autor de livro
- 176 pra você poder conhecer em primeiro lugar o aluno, acho que em
- 177 segundo lugar como que se aprende uma língua e aí, obviamente você
- 178 vai acabar usando no livro as tuas crenças como professor, né? Eu acho
- 179 que o material vai refletir isso. Você não tem como fazer um material
- 180 diferente do que você acredita né? como professor. E também eu acho
- 181 importante você saber onde esse livro vai ser utilizado, que tipo de
- 182 instituição é essa, tá? Como é que você pode chegar mais perto do que
- 183 essa instituição espera de um material.
- 184 *Pesquisadora* **OK. Eu só queria voltar a um tópico que foi particular, específico**
- 185 **do teu questionário, né? que é o tópico: por que você acha**
- 186 **importante que o autor participe do plano de *marketing* do**
- 187 **material que desenvolve. Eu queria que você elaborasse um**
- 188 **pouquinho sobre isso. Por que você acha assim importante essa**
- 189 **participação do autor? [Pausa] É, porque foi respondido que é**
- 190 **importante essa participação, mas não chegou a ser justificado**
- 191 **assim..**
- 192 Bem, plano de marketing... **É, que envolve assim, custo do livro,**
- 193 **treinamento de professores, é... promoção, divulgação do livro..**
- 194 **Você acha importante o autor estar envolvido em toda essa rotina?**
- 195 *XX* Eu acho importante até um certo momento, por exemplo, a questão de
- 196 divulgação eu acho que não tem muito a ver com o autor, eu acho que
- 197 não. Agora, eu acho que tem um momento em que você vai exigir, por
- 198 exemplo, quantas páginas esse livro vai ter? que cor você vai estar
- 199 usando nessas páginas? que tipo de papel você vai tá usando. Eu acho
- 200 que tem todo um momento assim que é anterior até à própria feitura do
- 201 livro que eu acho que é importante a gente possa se dar, tem que ter um
- 202 *say* ali, dizer um tá: mas, e se fosse assim e se fosse assado? Eu acho
- 203 que seria mais um processo de preparação do que todo o planejamento
- 204 de *marketing*. Eu acho que tem mais a ver com a questão do
- 205 desenvolvimento do material do que com a venda, por exemplo.
- 206 *Pesquisadora* **Umhum... E a parte de treinamento de professor... Você acha**
- 207 **importante o professor ser “treinado”, ou ser orientado para usar o**
- 208 **seu material da melhor forma possível? Ou isso não é importante,**
- 209 **ou isso fica a critério do professor?**
- 210 *XX* Bem, isso eu acho que depende muito da instituição em que o material
- 211 está sendo usado. Na instituição em que eu trabalho e o material foi
- 212 feito especialmente para esta instituição, é importante que o professor
- 213 entenda que material é esse, que crenças estão por trás desse material –
- 214 que são as crenças da própria instituição – tá? E saiba fazer o melhor
- 215 uso possível desse material. Porque na verdade, eu acho que o que tá
- 216 em jogo aí é muito mais do que o material em si, mas as crenças que a
- 217 instituição tem e que estão refletidas ali. Então, eu acho que é
- 218 importante que o professor entenda porque que as coisas acontecem de
- 219 uma maneira ou de outra no livro porque isso vai refletir na aula dele e
- 220 que no final ela *[a aula]* vai estar de acordo com o que a instituição

- 221  
 222 *Pesquisadora* **Entendi. E você acha que esse esclarecimento deve ser dado pelo**  
 223 **autor?**  
 224 *XX* Eu acho que o autor pode ajudar, tá? Eu não tenho nada contra que o  
 225 autor ajude nesse processo de treinamento do professor, mas eu  
 226 também não vejo que isso seja uma obrigação do autor ou que ele seja a  
 227 pessoa mais indicada, não. Eu acho que qualquer pessoa que conheça  
 228 bem o material e que acredite no material e no que está ali pode fazer  
 229 esse trabalho, tá? Eu não vejo porque isso tenha que ser feito  
 230 centralmente pela editora ou pelo autor diretamente, tá? Até porque  
 231 assim no meu caso específico, a gente tá pensando já uma quantidade  
 232 bastante grande de professores, você pensa em certas editoras que  
 233 trabalham pra o Brasil inteiro eu não vejo nem como esse autor pudesse  
 234 cobrir todo o território nacional dando treinamento a todos esses  
 235 professores que usam esse material, então, eu acho que é interessante,  
 236 mas eu não vejo como isso possa ser levado mesmo a termo nas  
 237 situações de autoria de livros no Brasil.  
 238 *Pesquisadora* **OK. Perfeito. Bom, essas eram as perguntas que eu tinha assim**  
 239 **elaborado, queria saber se você tem alguma coisa a mais pra**  
 240 **colocar, se você “desabafou”, se você falou tudo o que você**  
 241 **precisava falar, se você gostaria de acrescentar alguma coisa?**  
 242 *XX* Bom, eu acho que eu falei tudo o que eu tinha pra dizer. Eu não sei se  
 243 isso seria um desabafo, eu acho que não porque eu acho assim, que o  
 244 meu processo como autora foi um processo tão tranquilo porque é... é  
 245 uma instituição que eu conheço já há muito tempo, que eu trabalho já  
 246 há muito tempo, eu concordo plenamente com as crenças, que eu  
 247 conheço muito bem, esse aluno eu conheço também muito bem na sala  
 248 de aula, então eu acho assim, que foi um processo muito tranquilo, foi  
 249 muito prazeroso escrever, né? a série em que eu trabalhei e ... eu acho  
 250 que não rola um desabafo não, eu acho que é sempre um prazer falar  
 251 sobre isso.

## **Anexo 6**

**Transcrição da entrevista com a autora YY**

- 01 *Pesquisadora* **Existe algum tópico que não foi mencionado no questionário sobre**  
 02 **o qual você acha relevante discorrer?**
- 03 *YY* Assim... uma pergunta interessante... teria que voltar aqui pra lembrar  
 04 tudo... acho que a gente pode deixar isso por último... a gente vai passar  
 05 por isso.
- 06 *Pesquisadora* **Então tá bom...**
- 07 **Como autor de LD você se sente um “autor menor”, com menos**  
 08 **prestígio ou poder de decisão em relação aos outros tipos de**  
 09 **autores?**
- 10 *YY* Eu acho que sim, eu acho que por mais que eu não sinta isso com  
 11 frequência, porque como eu te falei a minha situação é muito especial,  
 12 eu tô dentro de um *environment* que é todo de inglês, né? e que valoriza  
 13 isso o que a gente faz, que é dentro da [nome da instituição], então que  
 14 eu não sinta isso no meu dia-a-dia, mas eu no fundo, assim, quando eu  
 15 falo que sou autora... eu nunca falo que sou autora, escritora.... não falo,  
 16 mas eu não falo mesmo! porque eu não me sinto... eu não sou escritora!  
 17 Entendeu? Sabe? É meio demais...
- 18 *Pesquisadora* **Mas se fosse um outro tipo de criação talvez você..**
- 19 *YY* Provavelmente, provavelmente...
- 20 *Pesquisadora* **Em relação ao tópico que diz respeito a como você se sente em**  
 21 **relação à possível cópia ilegal de sua obra, sua resposta foi**  
 22 **motivada por quais convicções?**
- 23 *YY* É. Eu acho que é assim. Eu acho que não é o ideal, não é o que a gente  
 24 quer, né? e... é mas eu acho que a gente vive num país que é muito  
 25 complicado, e que isso ainda vai acontecer muito, eu acho. Mas eu acho  
 26 que isso é uma coisa global também, eu acho. Eu tava lendo um artigo  
 27 na semana passada, ou, sei lá, por aí, eu ouvi no rádio, não sei onde foi,  
 28 sobre cópia de., *download* de música, né? é ilegal. É que isso tá uma  
 29 maluquice também, as pessoas estão brigando muito e é uma coisa  
 30 mundial. Então eu acho assim, eu acho que a gente enquanto cidadão,  
 31 né, a gente brasileiro, a gente ainda tem um caminho muito grande a  
 32 percorrer no sentido da legalidade, eu acho. A gente não hesita em  
 33 molhar a mão do guarda pra não receber. A gente reclama da  
 34 corrupção, mas eu acho que a gente tem um lado muito corrupto. E a  
 35 gente fotocopia mesmo! Não é? Porque a gente quer usufruir daquilo  
 36 ali. Paralelamente você tem a questão legal que é uma questão... a  
 37 gente... é fantástica de leis escritas, mas não de implementação de leis,  
 38 né? Então eu acho que é uma questão complicada. Eu fico  
 39 desconfortável porque eu acho que não é certo.
- 40 *Pesquisadora* **Então o seu desconforto ele vem assim, em relação a essa questão**  
 41 **legal?**
- 42 *YY* É. Porque não é certo.
- 43 *Pesquisadora* **Teria alguma coisa a ver assim por ser uma obra sua, de sua**  
 44 **autoria?**
- 45 *YY* Não. Eu não tenho muito isso. Eu acho assim, que uma vez que, as  
 46 pessoas até falam assim, nossa você é esquisita... porque uma vez que  
 47 tá lá, tá lá. Não é mais meu. Eu tenho muito essa sensação assim, tá no  
 48 mundo. Entendeu? Que nem filho. Filho não é meu.
- 49 *Pesquisadora* **Ah, sim. É verdade..**
- 50 *YY* Né? Você vai lá, mas é do mundo, tá no mundo, é do mundo. Você tem  
 51 um carinho especial, né? ... você vai ter sempre, sempre que você falar  
 52 em [nome do livro] eu vou, né? são coisas que eu vou tá sempre  
 53 conectada, mas não são meus mais.
- 54 *Pesquisadora* **Como você se sente quando encontra no LD de um outro autor**  
 55 **algum conteúdo bastante semelhante ao seu?**

- 56 *YY* Isso é engraçado né? Porque assim, eu tive uma experiência que foi, é,  
57 é a gente teve uma experiência lá na [nome da editora] que foi de ver  
58 uma coisa que a gente fez aproveitada num outro livro, que foi assim,  
59 evidentemente um aproveitamento do que a gente tinha feito no [nome  
60 do livro], né? Idéias, é, propostas, né? até *features* do material também.  
61 Eu acho ótimo! [gargalhadas].
- 62 *Pesquisadora* **É mesmo?**  
63 *YY* Claro! É porque tão gostando, é porque acharam bom, é porque  
64 acharam que vale a pena, né? ainda mais uma editora internacional  
65 fazer isso? Eu achei o máximo! Adorei, né?
- 66 *Pesquisadora* **Umhum...**  
67 *YY* E vi uma situação que foi muito engraçada que foi o contrário, não foi  
68 bem o contrário, mas foi assim: eu pensei numa coisa, botei no  
69 material, e depois eu vi um livro que uma coisa assim ... eu não tinha  
70 consciência, eu não tinha visto, aí eu me senti muito mal. Porque  
71 parecia que eu tava lá copiando e eu realmente não tinha visto... eu  
72 acho que é assim, sabe aquela coisa assim, ah! não vou ensinar... eu  
73 tentei bolar, eu não lembro o que que foi, mas eu tentei não fazer uma  
74 situação comum de ensinar sei lá, cores. Todo mundo ensina assim, eu  
75 vou ensinar assado. Aí esse assado já existia. E eu não tinha noção  
76 disso, aí eu fiquei assim, aí que saco, sabe? Coisa chata, mas também  
77 não é nada, não adianta... mas quando me copiam eu acho ótimo!
- 78 *Pesquisadora* **Enquanto elabora seu material, você se previne de alguma forma  
79 em relação ao acesso indevido por terceiros a esse material?  
80 (plágio, espionagem).**
- 81 *YY* Sim, sim. A gente tem, a rede da gente é toda protegida. Por exemplo, a  
82 gente trabalha dentro da [nome da instituição], né? no prédio da [nome  
83 da instituição], mas a nossa rede não é dividida com a [nome da  
84 instituição]. A gente tem uma rede interna da [nome da editora], nosso  
85 servidor é separado, a gente tem alguns cuidados...
- 86 *Pesquisadora* **E você acha que, assim, enquanto se está elaborando o material é  
87 importante isso?**
- 88 *YY* Acho que sim.
- 89 *Pesquisadora* **Esse pensamento, assim, de que ah, não, depois caiu em domínio  
90 público, entre aspas?**
- 91 *YY* É, acho que sim. Até ele nascer, por exemplo, quando ele tá sendo  
92 elaborado, tá no manuscrito ainda, as idéias estão sendo, é, é... paridas,  
93 né? E elaboradas e trabalhadas, aí eu acho que aí, sim.
- 94 *Pesquisadora* **E por que isso?**  
95 *YY* Porque eu acho que, isso na verdade começou como uma coisa  
96 institucional, tipo assim, a gente tem que proteger, né? assim, pra fazer  
97 *reports*, pessoas que fazem *reports* que a gente manda por e-mail  
98 assim, a gente tinha um certo cuidado... de pedir que eles devolvessem  
99 os manuscritos, a gente não mandava por e-mail, a gente mandava  
100 manuscrito e pedia que devolvessem, não sei o quê. Porque é a questão  
101 da idéia que ainda não tá registrada, né? Ainda não tá lá com o ISBN  
102 dela certinho pra constar que existe enquanto material.
- 103 *Pesquisadora* **É. Porque é o tipo da coisa que fica assim cristalizada, né?**  
104 *YY* Pois é, pois é. E aí. Porque o medo na verdade, você perguntou porquê.  
105 Eu acho que é muito isso, quer dizer, você ser copiado depois, você  
106 sabe que você veio antes, né? E você ser copiado depois, pra mim é um  
107 elogio. Agora, se me copiassem antes do meu livro ter saído, eu ficaria  
108 muito chateada, frustrada, porque aí a minha idéia estaria sendo lançada  
109 no mercado pelas mãos de outro.
- 110 *Pesquisadora* **E talvez até de forma deturpada, né? Como não seria se fosse sua...**

- 111 **Legal...**
- 112 *YY* É.
- 113 *Pesquisadora* **Você concorda com a afirmação de que as publicações atualmente**
- 114 **são todas muito parecidas? Em caso afirmativo, como você explica**
- 115 **esse fato?**
- 116 *YY* É. De novo eu vou falar assim, a minha realidade é muito diferente, né?
- 117 E a gente tem uma proposta que é bastante diferente. A gente começou
- 118 no mercado com uma proposta de inglês para falantes de português, né?
- 119 Que já é *country-specific materials*, então isso já traz uma abordagem
- 120 *slightly different*, né? por exemplo, o exemplo que eu vou te dar talvez
- 121 o (a) [nome de outro autor (a) entrevistado(a)] tenha te dado o mesmo
- 122 exemplo: *Present Continuous*. Todo livro vai ter: verbo *to be, there is,*
- 123 *there are..... present simple* e *present continuous*. Aí fica hooooras
- 124 naquele *present continuous*. *Present continuous* pra gente, brasileiro,
- 125 não tem problema nenhum, né? porque a estrutura é igualzinha: “Eu
- 126 estou trabalhando”, é igualzinho, não tem nenhum *big deal* ali. Então
- 127 você não precisa gastar um tempão. Então a gente não gastou um
- 128 tempão no *present continuous*, né? Ele é visto de outra maneira. Ele é
- 129 visto com uma outra abordagem, mais rapidinho. A mesma coisa com
- 130 fonemas... sei lá, fonemas que alguns livros gastam muito tempo, o
- 131 trabalho “b” e “v” que é por causa dos espanhóis, né? falam *baca* e é
- 132 tudo misturado pra gente... a gente não viu isso. A gente já foi focar em
- 133 *ra* e *ha* que pra gente é complicado. Então, assim, então eu acho que o
- 134 nosso material ele foge um pouquinho do formato, do padrão de
- 135 conteúdo que eu vejo nos outros livros. Os outros eu acho que têm uma
- 136 coisa muito igual, os internacionais. Inclusive eu tô com a mão na
- 137 massa agora olhando todos. Tô fazendo um outro trabalho. Que eu acho
- 138 que eu vou fazer um material de quinta à oitava. Então, esses são muito
- 139 parecidos. Você vira, ah, é, o conteúdo é tudo mais ou menos a mesma
- 140 coisa, você sabe mais ou menos o que vai acontecer.
- 141 *Pesquisadora* **E você acha que é porque eles têm assim uma necessidade de**
- 142 **atingir um mercado global?**
- 143 *YY* Eu acho que tem duas coisas. Eu acho que tem o mercado global e acho
- 144 que tem uma coisa também chamado professor. O professor, eu vejo
- 145 isso pela experiência que a gente teve com os nossos livros, né?
- 146 algumas reações que a gente recebeu, algum *feedback* que a gente
- 147 recebeu. É, o professor, ele tem uma tendência, é ruim generalizar
- 148 dessa maneira, eu sei que é meio burro isso, assim, *don't take me*
- 149 *wrong*, eu vou falar de uma maneira muito intuitiva... né? porque eu
- 150 sou professora também. Mas, eu acho que no geral... eu sou *teacher*
- 151 *trainer*; então eu tenho muito contato com isso. O que eu vivi, o que eu
- 152 percebi, é que existe uma tendência muito grande a uma reprodução de
- 153 *patterns*, né? então eu vou ensinar *there is, there are* dessa maneira e eu
- 154 fico confortável em ensinar dessa maneira porque eu repito assim. Se o
- 155 material vem com uma proposta muito inovadora que vai balançar os
- 156 alicerces eu acho que o cara não compra. Sabe? Tem uma resistência.
- 157 Então, é... a gente sentiu isso dentro da própria [nome da instituição].
- 158 Né? porque na nossa proposta do livro a gente não, *grammar is not*
- 159 *everything*. E o professor adora grammar, né? Então, você lança a idéia
- 160 de que: olha, calma, a gente não vai *hammer* a cabeça da pobre da
- 161 criatura durante vinte e cinco aulas seguidas pra ele aprender o *present*
- 162 *perfect*. O que a gente vai fazer, a gente vai botar o *present perfect* em
- 163 doses homeopáticas de *present perfect*, a gente vai *recycle*, a gente vai
- 164 *build up*, não tem que aprender em três aulas ou quatro aulas, calma. O
- 165 cara, cria uma ansiedade no cara, entendeu o cara panica (*sic*) de uma

- 166  
167  
168  
169  
170  
171 *Pesquisadora* **Você acha imprescindível que o autor de LD tenha sido, ou seja, professor da matéria sobre a qual escreve? Por quê?**  
172  
173 *YY* Sim. Porque só você tando lá pra você saber, né? Uma coisa é teoria, e mesmo sendo professor, quer dizer, é uma maluquice enorme porque bom, só você tendo passado pela experiência que você vai saber *what's it like*, né? Você tá lá, isso foi uma aula maravilhosa que eu dei de *have got, have got, have got*, sei lá, tudo legal, tudo bacana as crianças, sei lá, pequenas, não me lembro acho que era dez anos... E aí no final da aula (eu achei que aquela aula tava o máximo, um sucesso) aí no final da aula o menino diz assim: tia, *have got* é eu gosto? Eu fiquei assim, olha, pasma, gente o quê que eu fiz de errado? E aí, só você tando com o pé lá pra você saber o que que é isso. Você pode ter idéias brilhantes, maravilhosas que não funcionou (*sic*). Ainda assim, quer dizer, eu sou professora, eu fui professora durante muitos anos, exclusivamente, hoje é que eu não sou mais professora, continuei com o pé na sala de aula pra num perder esse *taste*. E mesmo assim, às vezes eu tô... eu penso numa atividade, jogo no papel, aí vem o *report* de um professor e fala assim: pô, não vai funcionar isso aí, não, de jeito nenhum.
- 174  
175  
176  
177  
178  
179  
180  
181  
182  
183  
184  
185  
186  
187  
188  
189 *Pesquisadora* **Você tem que atender a todas as demandas, né? do aluno, do professor e até, assim... do aluno como um grupo inclusive, exatamente, porque isso que você colocou, né? De repente aquele aluno em particular não acompanhou aquele plano de aula...**  
190  
191  
192  
193 *YY* Pois é, pois é.  
194 *Pesquisadora* **Mas, de repente a turma...**  
195 *YY* Tava bem, tava todo mundo respondendo super bem, não sei o quê.  
196 *Pesquisadora* **Então você tem que pensar nas exceções...**  
197 *YY* Também, também.  
198 *Pesquisadora* **Como você se sente em relação às críticas e revisões do seu trabalho?**  
199  
200 *YY* Eu acho que essa crítica no processo construtivo se você chega assim, pô cara, se você, um ponto aqui vai ficar muito mais legal. Pô, você tem toda razão. Eu coloco o ponto, não tem problema nenhum. Ah, isso aqui não tem nada a ver, ah vamos tirar, vamos tirar não sei o quê. Agora, se vier uma coisa que eu não entenda, ou, se você chegar pra mim e disser olha, essa frase tem que cortar tudo e isso não fizer sentido pra mim e você não conseguir justificar, me convencer mesmo, eu posso até fazer porque se você é minha editora eu vou fazer, mas eu vou *resent it*. Isso e um tipo de crítica do tipo, eu, que é aquela crítica feita, aí já é após o material já ta com o professor, que eu chamo de crítica superficial, que eu chamo de crítica leviana, né, o cara folheou o livro, sabe? e sai com uma visão, fazendo uma tese de doutorado sobre o livro que ele folheou, aí eu fico meio... sabe? por que aí eu acho assim, eu ponho tanta energia, eu quero tanto fazer o melhor que eu posso fazer, e eu me esforço muito... pode não ser o melhor do mundo.  
201  
202  
203  
204  
205  
206  
207  
208  
209  
210  
211  
212  
213  
214  
215 **É, a mesma reação que você tem em relação ao editor, né? desde que ele justifique** exatamente! **né?** Porque o editor ele tem o poder sobre você, né? Se ele disser assim eu não gosto da palavra “você” aqui. Pronto. Ele não gosta, ele não gosta. E aí quer que eu queira quer não, eu vou ter que acabar cedendo e tirar. Então, sei lá, minha editora hoje até falou assim: pô vamos fazer esse jogo, sabe aquele jogo
- 216  
217  
218  
219  
220

- 221 atenção-concentração que bate palminha, não sei o quê? **Humhum...** E  
 222 eu me lembrava do jogo assim: [demonstração do jogo como a autora o  
 223 joga] era assim que eu jogava. Ela faz: [demonstração do jogo como a  
 224 editora o joga] é assim que ela faz. É uma bobagem? mas, que aí... eu  
 225 falei assim, quer saber? *I don't care...* Isso *I don't care*. E vai  
 226 prevalecer provavelmente o que a minha editora quiser botar, mas isso,  
 227 assim, isso não me afeta em nada, é, porque é uma bobagem, né? mas  
 228 tem outras que não... que é porque o editor quer. Essa outra é uma  
 229 crítica que ela é leviana isso que eu, *I resent*. Sabe? Uma coisa que a  
 230 pessoa, só deu uma primeira olhada por cima e faz um tratado sobre o  
 231 material. Sem ver o que tá por trás, sabe? Porque eu posso ter errado, é  
 232 claro que a gente erra pra caramba. Cada vez que você olha um livro  
 233 que você acabou de escrever, você fala assim, podia reescreve-lo **com**  
 234 **certeza, né?** muito melhor. É pra isso que serve a experiência pra  
 235 você... **é como se fosse um trabalho assim que nunca acaba, né?** Que  
 236 nem tese, né? **Ele precisa acabar porque ele tá ali cristalizado no**  
 237 **papel, escrito, já foi publicado...** Exatamente. Mas é que nem tese,  
 238 né? Você fica desesperado [suspiro], não! mais um pouco... porque  
 239 você acha que sempre pode melhorar e é verdade! Você sempre pode  
 240 melhorar, né? mas aí você fazer uma crítica, né? a pessoa lê um  
 241 trabalho seu em dois minutos e aí, ah não, esse trabalho tá horrível!  
 242 Aqui você não... Nossa aquilo me mata! Porque eu sei o esforço que eu  
 243 fiz, né? Eu sei o quanto de energia, o quanto de carinho mesmo e de  
 244 respeito, pesquisa e de respeito que eu tenho pelo cara que vai usar  
 245 aquilo, tanto professor quanto aluno. É muito ruim, essa crítica assim  
 246 leviana é muito... **Entendi.**  
 247 *Pesquisadora* **Você poderia elaborar um pouco mais a respeito da importância da**  
 248 **participação do autor no treinamento dos usuários? Você**  
 249 **respondeu que acredita que seria muito importante.**  
 250 *YY* Sim, sim. É, eu acho que, bom, primeiro que você sendo autor você tem  
 251 um envolvimento com o material que quase ninguém mais tem, né?  
 252 Porque você tem ou talvez eu tenha, porque eu acho que é uma coisa  
 253 assim muito pessoal, eu tenho uma relação afetiva com o que eu  
 254 produzo. Eu não escrevo industrialmente, né? vinte milhões de livros...  
 255 **Então, existe uma relação afetiva?** Existe uma relação afetiva. Com  
 256 certeza. Eu tenho uma relação afetiva com o que eu produzo. E eu acho  
 257 que quando você vai falar com as pessoas que vão usar aquilo com essa  
 258 postura, entendeu? Que não é só técnico, que não é só comercial. Eu  
 259 acho que faz uma diferença enorme. Porque eu acho que você passa pro  
 260 usuário, pro futuro usuário é, esse a mais, esse, sei lá, a alegria que  
 261 você teve de descobrir uma coisa naquele livro, aquele personagem  
 262 como é que ele foi criado, de onde é que você tirou ele, sabe? Você  
 263 conta o *making off*, sabe? Você dá acesso ao *making off* da história  
 264 que torna, você humaniza aquele material. Aí eu acho que faz  
 265 diferença. Foi muito engraçado, porque você já viu o [nome do livro  
 266 escrito pela autora]? Teve acesso ao [nome do livro escrito pela  
 267 autora]? Eu posso até te mostrar? Quer eu te mostre? **Pode, pode...**  
 268 Entendeu? Então não é assim, esse conteúdo aí eu quero uma aula, não  
 269 é isso. Aqui tem muito da gente, né? Muito de mim nessa criação. Até  
 270 esse tipo de escolha, né? de não usar *have got* que é uma coisa mais de  
 271 *british*, né? de *do you have* que é uma coisa que facilita a vida da  
 272 criança, ao invés de falar... porque o cara aprende *have you got* e depois  
 273 é *do you like*. Pô, ninguém merece, né? Aí você ensina *do you have, do*  
 274 *you like*, isso facilita a vida da criança a beça.  
 275 *Pesquisadora* **O material de multimedia é você também que prepara?**

- 276 *YY* Tudo. Quer dizer, a música, não. As letras da música, sim, né? As letras e o multimedia class também. Eu faço a encomenda da atividade.
- 277
- 278 *Pesquisadora* **Entendi, mas aí você cria a música e a melodia como é que é feita?**
- 279 *YY* Não, a melodia é feita por fora. E aí a gente terceiriza.
- 280 *Pesquisadora* **Mas o que que vem primeiro? A música? Você cria a letra?**
- 281 *YY* É. Primeiro vem a letra. Aí eu mando pro músico e ele vai fazer a melodia. Aí a gente negocia, quer dizer, eu encomendo também a melodia. Aí eu falo isso aqui eu quero uma coisa mais rapidinha, isso aqui eu quero mais um *jazz*.
- 282
- 283
- 284
- 285 *Pesquisadora* **É como faz com a ilustração, né?**
- 286 *YY* Isso. Isso.
- 287 *Pesquisadora* **Você falou que o inglês é considerado hoje em dia mais uma *língua franca* até do que uma língua estrangeira ou uma segunda língua, né? No seu ponto de vista como é que se pode tratar o inglês como *língua franca* no livro didático?**
- 288
- 289
- 290
- 291 *YY* É complicado. É complicado. Porque eu acho que tem essa coisa do professor também, entendeu? Porque o que as pessoas, as pessoas não, o que os professores estão querendo, eu acho, que ainda é uma coisa muito rígida, né? O *do you have* aqui causou questionamentos. Entendeu? Como que não vai ensinar *have you got?* que é mais *british*, né? Então, assim, você ainda tem esse tipo de coisa que é meio... se isso causa um certo questionamento, você imagina você ter uma abordagem mais aberta em que você não vai trabalhar tantos, se você pega, você já conversou com o [nome de um outro autor]? [nome do autor] é *expert* em *fonology*. Ele fez o mestrado dele nisso, ele é muito fera nisso, muito legal. O *syllabus* de *fonology* foi ele que elaborou junto com o [nome de outro autor]no comecinho. O *syllabus*no sentido assim, quais são realmente os sons e fonemas e aspectos de *fonology* que a gente tem que tratar para alunos brasileiros. Que aspectos que realmente importam, né? Então o cara fala *I haviiii, I haviiii two sisters*, não tem o menor problema do ponto de vista de *intelligibility*, não tem o menor problema, **agora se ele falar *rrabít* ao invés de *rabít*...** exatamente. E se ele falar é... *coffi* querendo dizer *coffee* que é outro *stress* que é complicado pra gente a beça, isso tem problema. Agora o *haviiii* não tem, entendeu? Então você tem que priorizar. Agora, você imagina se a gente faz um livro em que você não vai dar a mínima pra esse tipo de coisa, as pessoas vão surtar! Mas eu acho que a tendência é essa porque não existe mais esse purismo, né? Não dá, não tem mais espaço.
- 300
- 301
- 302
- 303
- 304
- 305
- 306
- 307
- 308
- 309
- 310
- 311
- 312
- 313
- 314
- 315 *Pesquisadora* ***Helloo!* O mundo já é um só há muito tempo, né?**
- 316 *YY* **Então você acha que é possível? mas existe uma resistência...**
- 317
- 318
- 319
- 320
- 321
- 322
- 323
- 324
- 325
- 326
- 327
- 328
- 329
- 330
- Não sei se é possível, Mara, assim, eu teria que pensar um pouco sobre isso, talvez seja.
- Se a gente for fazer muito voltado pra uma coisa que seja *country specific*, né? acho que talvez seja se você entender que não tem que ter mais esse purismo inteiro da *language*, que o professor vai poder aceitar viver com algumas imperfeições, né? que hoje em dia eles surtam... **Teria que unir o professor e o aluno também, né?** Exatamente. Que tem aluno que também, principalmente adulto, né? adulto cobra pra caramba, né? Então eu acho que a gente tem um longo caminho a percorrer, o que a gente pode fazer talvez pra achar essa resposta, a gente pode ter uma abordagem em que você sinalize para o aluno, para o usuário, tanto professor quanto aluno, você sinalize áreas que é... onde isso, tipo assim, essa coisa da *fonology*, você pode sinalizar isso, ou seja no *teacher's guide* ou “não se preocupa tanto com isso, vai em frente”, sabe uma coisa assim, meio *learner training*, sabe?

331 Em vez de você ficar meia hora repetindo *have*-não-sei-o-quê-não-sei-  
332 o-quê-lá, vai fazer o rra e ra que é mais difícil porque se você falar  
333 *rrabitt* é uma coisa e se você falar *rabitt* é outra. Sabe, então talvez  
334 tudo isso seja mais nesse sentido que se possa fazer alguma coisa.

## **Anexo 7**

### **Transcrição da entrevista com o autor ZZ**

- 01 *Pesquisadora* **Como autor de LD você se sente um “autor menor”, com menos**  
 02 **prestígio ou poder de decisão em relação aos outros tipos de**  
 03 **autores?**
- 04 *ZZ* Na minha experiência, na experiência da [nome da editora para qual o  
 05 autor trabalha] propriamente dita, né? Todos nós, eu diria, a gente tem  
 06 uma, um papel um pouco diferente, eu acho, dos autores que escrevem  
 07 para outras editoras. Por quê? A gente foi, é, convocado para  
 08 estabelecer a metodologia da [nome da instituição] através dos  
 09 materiais. Tá? Tanto que nós viemos todos da área acadêmica da [nome  
 10 da instituição] que eu trabalhava já há muitos anos, né? para que ao  
 11 criar os livros, os materiais a gente estabelecesse a metodologia. Isso  
 12 pra mim foi uma coisa muito gratificante, muito grande, né? Então,  
 13 essa sensação que você falou como autor de livro didático eu me sinto  
 14 menos ou menor do que um autor de sei lá, de outros tipos de livros,  
 15 né? Na verdade eu nunca tinha me visto como autor de nada. De  
 16 repente era um momento em que eu tava me tornando um autor de  
 17 alguma coisa. Então, eu não me sentia assim e eu acho que, não sei  
 18 como os outros se sentiriam, sei lá, um [nome de um renomado autor de  
 19 livro didático para o ensino de língua inglesa como Língua estrangeira],  
 20 um [nome de um outro renomado autor de livro didático para o ensino  
 21 de língua inglesa como língua estrangeira], tá? não sei, mas me parece  
 22 que é uma coisa tão específica que a gente faz voltada para uma coisa  
 23 tão diferente de escrever um romance, de escrever uma novela, né? que  
 24 eu não sei, não, eu não me sinto menor que ninguém, não. (risos). É  
 25 diferente. Eu acho que o *constraint* que tem é o fato de você ser  
 26 obrigado a seguir alguma coisa, você não tá totalmente livre pra criar,  
 27 né? Se você está escrevendo uma história, se você é *J K Rowling* e você  
 28 está escrevendo *Harry Potter* você vai lá e senta num café e escreve! E  
 29 no caso da *J K Rowling*, melhor ainda, né? Existe também *constraints*  
 30 para editores, desculpa, para autores literários porque às vezes a editora  
 31 diz: “não isso que você escreveu não vai vender, tem que mudar isso  
 32 aí”. Isso existe também, né? Então, quer dizer, eu acho que no caso do  
 33 autor de livro didático isso pode ser mais sério porque você tem que  
 34 cumprir mais ou menos a, os princípios da editora, o que a editora  
 35 acredita, o que a editora sabe que vai vender, né? Vamos supor que eu  
 36 fosse escrever para uma [nome de uma conhecida editora estrangeira]  
 37 da vida, né? E ela queira um livro o mais internacional possível, ela não  
 38 vai me deixar livre pra eu fazer o que eu quiser. **É uma camisa de**  
 39 **força.** Não é? Vai existir uma camisa de força, né? Então eu acho que a  
 40 camisa de força pro autor sempre vai ter um pouquinho. Talvez pro  
 41 literário menos ou de outra natureza, né? mas eu não sei se isso me  
 42 faria sentir menor do que outros não, né? Acho que cada um tem seus  
 43 talentos, né? Será que o João Ubaldo Ribeiro poderia escrever um livro  
 44 didático? Claro que não! Entendeu? Então, ele não é melhor do que eu,  
 45 não. Entendeu? Eu não me sinto assim não. Respondi?
- 46 *Pesquisadora* **Respondeu muito bem, muito interessante.**  
 47 **Em relação ao tópico que diz respeito a como você se sente em**  
 48 **relação à possível cópia ilegal de sua obra, sua resposta foi**  
 49 **motivada por quais convicções? legais, afetivas ou até mesmo uma**  
 50 **questão de se sentir dono, proprietário daquilo que produz?**
- 51 *ZZ* É, mais uma vez eu vou ter que falar da minha experiência pessoal no  
 52 meu contexto específico e de outros contextos também que eu sei, né?  
 53 O que eu disse aqui pra você foi que eu entendo cópia ilegal como um  
 54 problema na questão financeira, né? Por quê? Por que você perde  
 55 dinheiro no momento em que uma pessoa usa uma cópia e não usa o

56 livro, não compra o livro. Isso é um problema muito sério, eu acho que  
57 é realmente. Agora, é um problema muito mais sério a meu ver para a  
58 editora do que para o autor. A não ser que o autor realmente ganhe um  
59 *royalty* maravilhoso para cada livro que é vendido, né? Por isso que eu  
60 falo, no meu caso eu não tenho *royalty*, então pra mim pouca diferença  
61 faz, muito pelo contrário, em termos afetivos e em termos de... como é  
62 que eu vou dizer... me sentir dono da coisa eu acho até ótimo.  
63 Entendeu? se você quiser copiar o meu livro pra você usar lá, pra mim  
64 isso é uma forma de... como é que o povo diz? é.. *flattery*, é, né?  
65 *imitation is a form of flattery*, né? Então, você copiar, também é pra  
66 mim. Então, uma pessoa que copia um material é porque o material é  
67 bom. Eu me sinto muito bem com isso.

68 *Pesquisadora* **E assim, no caso do formato estar sendo modificado, trabalhando**  
69 **com um material de uma qualidade pior, isso assim não..** por que?  
70 *ZZ* Sinceramente, não. Sabe por quê? Vou dizer pra você. Por que pra mim  
71 o que eu produzi não é aquela coisa visual. É uma coisa muito mais  
72 profunda, entendeu? No momento em que você usa um, sei lá, você  
73 pega um [nome de um livro] que é um dos meus favoritos, assim. Pega  
74 lá uma lição do [nome do livro] e copia pra usar com a sua turminha de  
75 gente que não pode comprar livro, tá? Você tá usando a minha  
76 metodologia, você gostou daquilo que eu fiz e você acha que aquilo vai  
77 funcionar pro cara aprender inglês. Pra mim, isso daí é o que importa.  
78 Entendeu? Vai ficar meio feinho? Vai, mas o cara vai aprender  
79 igualzinho ao outro. Entendeu? Então, eu tenho essa visão. Agora, se eu  
80 ganhasse dinheiro pra cada livro vendido isso daí ia ter outro peso,  
81 entendeu? Eu acho que eu ia pensar duas vezes, puxa vida, eu tô  
82 perdendo dinheiro. É legal pra caramba, mas eu tô perdendo dinheiro.  
83 Entendeu? Então, assim, é... eu não me sinto roubado no momento que  
84 alguém fotocopia meu livro não, tá? roubado ideologicamente ou  
85 moralmente. Eu me sentiria roubado financeiramente se eu ganhasse  
86 *royalty* em cima do livro vendido.

87 *Pesquisadora* **Entendi. Na verdade você sente até o oposto, um certo “prestígio”,**  
88 **né?**  
89 *ZZ* Um certo orgulho...

90 *Pesquisadora* **Como você se sente quando encontra no LD de um outro autor**  
91 **algum conteúdo bastante semelhante ao seu?**  
92 *ZZ* *Imitation is a form of flattery*. Significa que eu fiz alguma coisa que  
93 preste se alguém tá querendo fazer igual, né? E quanto isso vai me...  
94 Em quê que isso me prejudica? Entendeu? Acho que muito pouco. Na  
95 medida em que... O que a gente pode falhar seriamente, não sei se é um  
96 dado importante pra você, mas o que eu que às vezes, a gente falha  
97 muito seriamente, alguns autores, eu talvez inclusive, é que a gente não  
98 estabelece as metodologias como nossas. O quê que eu tinha que tá  
99 fazendo agora nesse momento? Eu tinha que tá escrevendo muito  
100 artigo, publicando muito, falando olha, o que eu botei naquele livro  
101 assim-assim, aquilo reflete isso, isso e isso – que EU pensei primeiro,  
102 por que EU pensei assim – por quê que eu pensei assim? por que eu fiz  
103 essa e essa pesquisa. Por que eu acredito nisso, nisso e nisso, por que a  
104 minha experiência de sala de aula definiu isso, isso e isso. Eu botei  
105 aquilo ali com essas idéias na cabeça e essas idéias são minhas. O outro  
106 que fizer depois, eu já estabeleci a minha metodologia, entendeu?  
107 Porque isso a gente não faz, a gente é uma, vamos dizer assim, uma  
108 classe, se a gente pode considerar classe, muito boazinha, sabe? A  
109 gente é muito educador, né?, A gente quer que todo mundo seja feliz,  
110 que todo mundo se dê bem e às vezes a gente não pensa nesse lado. Eu

- 111 agora tenho uma, assim, eu venho fazendo uma palestra. Tem duas  
 112 palestras que as pessoas sempre me chamam pra fazer, uma é aquela  
 113 que você assistiu de fonologia e a outra, é sobre o ensino de gramática  
 114 específica para brasileiro também. Quais são as preocupações que a  
 115 gente tem que ter, mais ou menos na mesma linha da pronúncia, né? O  
 116 quê que é mais importante para o brasileiro, o quê que a gente deve dar  
 117 mais ênfase, o quê que a gente deve dar menos ênfase, o quê que a  
 118 gente não precisa se preocupar absolutamente, tá? Eu falo disso. Eu não  
 119 escrevi uma linha sobre isso. É. Agora tudo isso que eu falei está nos  
 120 nossos livros, e não é só nos que eu escrevi não. No que a [nome de um  
 121 autor] escreveu também. No que os outros escreveram também. Porque  
 122 eu, junto com a equipe, é que nós trouxemos essas idéias, essas  
 123 verdades, vamos dizer assim, é pra dentro da [nome da editora]. Todo o  
 124 material da [nome da editora] ele mesmo meio que é... se desenvolveu  
 125 com essas idéias na cabeça.
- 126 *Pesquisadora* **E essas idéias você obteve com sua experiência em sala de aula?**  
 127 *ZZ* Com a experiência de sala de aula. Basicamente. E com pesquisas, né?  
 128 Quer dizer, você ir na sala de aula observar as aulas dos outros também.  
 129 Tá certo? Isso a gente fez muito. Então, você observa lá, o professor  
 130 perdendo um tempo precioso tentando explicar para o aluno brasileiro a  
 131 diferença do *present simple* e do *present continuous*. Pra quê?  
 132 Entendeu? Não precisa perder tempo com isso no Brasil. Entendeu?  
 133 Então, esse tipo de coisa a gente colocou lá em materiais muito  
 134 influenciados pela nossa própria experiência e porque alguns de nós,  
 135 eu, inclusive, é, percebemos como é que a gente pode fazer. Então,  
 136 *boom!* vamos em frente, mas ninguém escreveu uma linha sobre isso.  
 137 Então se amanhã você começar a colocar isso...
- 138 *Pesquisadora* **Nunca tinha pensando sobre isso...**  
 139 *ZZ* O quê?
- 140 *Pesquisadora* **Isso, que as pessoas não reivindicam como de autoria delas a  
 141 metodologia...**  
 142 *ZZ* Não! A metodologia. A gente tem que reivindicar a nossa metodologia.  
 143 E a gente não faz isso. Entendeu? É isso que a gente tem que fazer. Não  
 144 é o livro que é nosso. É o *rationale* daquele livro que é nosso. E pra  
 145 isso você faz como? Publicando. Entendeu? Eu convidei a [nome de  
 146 autor], por exemplo, pra gente escrever, pra escrever vários artigos  
 147 falando sobre isso porque eu e a [nome de autor] trabalhamos juntos no  
 148 começo do [nome da série que o entrevistado produziu], né? Eu e ela  
 149 que demos realmente o *kick off* inicial nessa ideologia, desculpe,  
 150 metodologia toda. Entendeu? Então... é, porque tem um pouco de  
 151 ideologia também, por isso que eu troquei... e aí, quer dizer, o que  
 152 acontece é que a gente não estabelece, entendeu? E disso eu tenho  
 153 ciúme. Tá? Se eu vir lá no livro, sei lá, de um outro autor uma  
 154 atividade, não só uma atividade, mas uma seqüência de atividades que  
 155 está fazendo exatamente, pode ser completamente diferente das minhas  
 156 atividades, mas que tá usando a mesma idéia, o mesmo princípio, a  
 157 mesma, sabe..., a mesma sacação, aí eu vou ter ciúme. Entendeu? Não é  
 158 fotocópia, não é o exercício igual.
- 159 *Pesquisadora* **Enquanto elabora seu material, você se previne de alguma forma  
 160 em relação ao acesso indevido por terceiros a esse material?  
 161 (plágio, espionagem).**  
 162 *ZZ* Sim. Enquanto tá sendo feito? **Isso.** Sim. O que a gente tentou fazer,  
 163 isso mais em nome da segurança da [nome da instituição] e da [nome  
 164 da editora] muito mais do que da nossa pessoal como autor. Porque  
 165 tudo isso tem a ver com o que eu falei antes, né? Quer dizer, se...

166 também eu não ia gostar que usassem minhas idéias assim como eu  
 167 falei, antes de estar pronto. Então o quê que a gente fez? A gente fez  
 168 vários sisteminhas, entendeu? Por exemplo, a gente pra mandar  
 169 qualquer coisa, qualquer material que a gente está preparando por e-  
 170 mail a gente bota uma senha, a nossa rede é... *network* mesmo de  
 171 computadores da [nome da editora] é isolada da rede da [nome da  
 172 instituição]. A gente conversa, tem comunicação de uma rede com  
 173 outra, mas existem tipo *firewalls*, né? que impedem que qualquer  
 174 funcionário da [nome da instituição] acesse o material da [nome da  
 175 editora], por exemplo. Todo e qualquer papel que a gente produz e  
 176 imprime com exercícios, é... experimentos, né? Eles são *shreded*, lá  
 177 tem uma máquina de *shred*. Virou lixo? Entra ali. Agora, por outro lado  
 178 também, a gente se preocupava com isso muito mais no início. Por  
 179 quê? Por que um fato da [nome da editora] é que ninguém faz livro tão  
 180 rápido quanto a gente! (risos). Entendeu? Então, não dá tempo. Você  
 181 pode até pegar as minhas coisas lá antes de eu publicar, quando eu  
 182 acabei de fazer, mas no final de três meses o meu livro já tá na  
 183 prateleira, o seu *sorry*. não vai tá, não. Entendeu? **A equipe é grande,  
 184 né? Ou seria por causa dos recursos?** Nós somos loucos mesmo,  
 185 todos nós, parafuso faltando... **São muitas horas de trabalho que  
 186 vocês têm?** É normal, tipo oito, nove horas por dia, né? Tenho trabalho  
 187 em casa de vez em quando... fim de semana, né? Eu tô com um  
 188 trabalho pra fazer em casa agora, né? Não é assim uma loucura, não. É  
 189 por que a gente tem... como é que eu vou dizer? A gente trabalhou  
 190 numa direção muito clara, entendeu? Então não teve muita  
 191 oportunidade pra erro, não é oportunidade, não teve... sabe? a gente não  
 192 tava... **A etapa do planejamento foi muito bem elaborada..** É, foi  
 193 muito bem... é, exatamente. Entendeu? Então a gente sentou pra  
 194 escrever a gente já sabia onde a gente queria chegar, né? É obvio que  
 195 foi melhorando. Se você pegar o [nome da série de livros que o  
 196 entrevistado produziu], por exemplo e o [nome de outra série de livros  
 197 da mesma editora] ou o [nome de uma terceira serie de livros da  
 198 mesma editora], tá? Você nota uma..., sabe? um desenvolvimento, uma  
 199 evolução. As coisas foram melhorando porque a gente foi aprimorando.  
 200 "Ah, bom agora, agora é que eu estou me entendendo lá no [nome da  
 201 série de livros que o entrevistado produziu] 2", entendeu? "Eu queria  
 202 na verdade era isso que eu tô botando aqui no [nome de uma outra série  
 203 de livros produzida pelo entrevistado na mesma editora] 5. Entendeu?  
 204 Em termos de estrutura das coisas, entendeu?  
 205 *Pesquisadora* **Entendi. Então você se sente assim em relação a outros trabalhos  
 206 seus publicados? Sente que vai havendo sempre um  
 207 melhoramento?**  
 208 *ZZ* Ah, com certeza. Com certeza. A própria série [nome da série que foi  
 209 escrita pelo entrevistado]. Se você olhar o [nome da série] 5 e 6 eles são  
 210 livros muuuito melhores do que os outros. **São bem diferentes?** Nem  
 211 sei, você falou diferente, eu não sei se eu usaria "diferente", eu acho  
 212 que eles são melhor elaborados, a gente já tinha sacado o quê que não  
 213 era pra ter feito no começo, tá? Tanto é que agora o [nome da série] vai  
 214 entrar numa reforma. Ele vai ser revisado e eu é que vou tá a frente do  
 215 projeto de revisão dele, pelo menos até segunda ordem. A gente não  
 216 sabe o quê que vai acontecer, o quê que pode acontecer ou não. Mas, eu  
 217 acho que não respondi a sua pergunta?! **Respondeu, sim.**  
 218 *Pesquisadora* **Você concorda com a afirmação de que as publicações atualmente  
 219 são todas muito parecidas? Em caso afirmativo, como você explica  
 220 esse fato?**

221 ZZ

222

223

224

225

226

227

228

229

230

231

232

233

234

235

236

237

238

239

240

241

242

243

244

245

246

247

248

249

250

251

252

253

254

255 Pesquisadora

256 ZZ

257

258

259

260

261

262

263

264

265

266

267

268

269

270

271

272

273 Pesquisadora

274 ZZ

275 Pesquisadora

Deixa eu pensar um pouquinho? Eu tô pensando, eu acho que depende do nível. Eu diria que os livros mais elementares são mais parecidos do que os livros mais... do nível intermediário pra cima, me parece. Por quê? Eu acho que percebeu-se, não sei, eu posso tá falando uma grande bobagem, mas percebeu-se que não existe uma metodologia que você possa seguir só ela, sozinha. Tá tudo cada vez mais eclético, né? Então as coisas novas vão surgindo e vão sendo incorporadas nas coisas antigas e vão se fazendo um novo... sei lá, mixagem ali. Então, se você olhar, eu não sei, eu acho que existiram como é? *landmarks*, vamos dizer assim, tipo, não sei se a palavra é *landmark*, não, é uma coisa com *mark*. Como o *English File*, por exemplo. O *English File* pra mim foi um passo adiante, antes tem *before English File* e *after English File*. Essa é a minha visão, tá? Depois do *English File* começou a ficar tudo muito eclético. Então, você tem ao mesmo *communicative*, ao mesmo tempo tem *grammar*; tem cenas de gramática explícita, você tem, vamos começar a aprender vocabulário com listinha de palavra, sim, é..., o *communicative approach* era tudo um oba-oba danado agora não é mais. Então eu acho que as pessoas começaram a misturar muito as metodologias e com isso os livros ficaram muito parecidos, porque as pessoas foram encontrando as melhores maneiras, me parece, de fazer cada coisa. Aí, eu encontrei uma maneira tão boa, tão boa, tão boa que você pensa assim: “pô, por que que eu vou fazer diferente?” Tá funcionando. Entendeu? Essa é a minha visão, mas aí veio uma outra coisa que eu acho que é um outro marco que é o *lexical approach* que deu uma (som do estalar dos dedos) guinada. O *English File* não tem nada de *lexical approach* ou muito pouco. Agora, nos níveis mais intermediários já tem, aí você olha um livro como o *Innovations* que eu não sei qual é a editora agora, ele é muito interessante, ele é muito *lexical approach* mesmo, ele tem coisas interessantíssimas, ele realmente ensina *chunks*, até *chunks* grandões assim, sabe? não é aquela coisinha assim, é *chunkões* mesmo. E ele trata a gramática assim como um, subordinada ao *chunk*, subordinada ao *lexical*, né? E aí ele tem propostas de apresentação em prática de língua bem diferente. Eu acho que esses já não se repetem tanto. Entendeu?

**Talvez possa ser um outro marco...**

É, eu acho. Mas não é só o *Innovations*, não. Tem o *Natural English* que faz isso também. Ele tem também *lexical approach*. Ele não é um livro baseado em *lexical approach*, ele tem *approaches* à língua por, pelo que vem do *lexical approach*, né? Ele não... assim: “Eu sou *lexical approach*!” Não, quer dizer, ele tem características e no material nosso da [nome da editora] tem muito, né? Então, é, fica parecido também por isso. Se você olhar o [nome do livro] que é o nosso livro de *intermediate* pra *teenagers* e isso é uma coisa que não tem no mercado. Você procura aí, não tem livro pra 13 anos intermediário, tá? Só o [nome do livro] por que a gente escreveu com esse mercado em mente mesmo, mas ele é todo... aí se você olhar assim tem coisas iguaizinhas ao *Natural English*, iguaizinhas ao *Innovations*, tá? Funciona? Funciona, vamos usar. Até alguém ter uma idéia melhor. Eu, entendeu? Eu acho que não tem nada de errado com isso. Se você olhar, sempre tem umas diferençinhas, né? Assim, por causa de repente da filosofia da editora, ou porque do que o autor tem, as crenças do autor e tal. Ele vai sempre puxar mais pra uma coisa do pra outra.

**Você consegue reconhecer, identificar o estilo dos autores?**

Alguns.

**E o quê que leva você a essa identificação? Como é que você**

- 276 **percebe ... hum... isso aqui é de não sei quem...** Tem uma carinha de  
 277 [nome de um autor]... **É.**
- 278 *ZZ* Às vezes, não é que eu consigo identificar e dizer foi o cara que  
 279 escreveu, isso, não. Eu consigo dizer assim: “isso aqui poderia ter sido  
 280 escrito por fulano de tal.” Vamos pegar o [nome do autor] e o [nome  
 281 de um livro que esse autor escreveu], tá? Aquela coisa do [nome do  
 282 livro] de sempre personalizar, o aluno sempre vai ter uma oportunidade  
 283 de falar dele usando aquilo ali, tá? Isso é a cara do [nome do autor].  
 284 Onde estiver [nome do autor] você vai achar *personalisation*, uma  
 285 preocupação grande com isso. O [nome de outro autor] vai achar uma  
 286 preocupação com o inglês que se fala de verdade, tá? Eu me lembro,  
 287 por exemplo, dele numa palestra que eu tava fazendo, não é uma  
 288 palestra, um *training session* desses que a gente faz em conferência, e  
 289 ele tava na platéia, e tava falando justamente do [nome da série que o  
 290 entrevistado escreveu] e dessas características de ser específico para  
 291 alunos brasileiros. E aí eu citei lá, uma coisa do livro que tinha lá uma  
 292 frase do tipo: “*I’m cooking*” aí... ele perguntou lá: “*How often do you*  
 293 *say I’m cooking in Portuguese?*” E eu falei: “Por que que você tá  
 294 perguntando isso?” E ele me falou: “Não, porque essa é uma frase  
 295 muito rara. Essa frase não acontece na língua.” **É uma situação**  
 296 **excepcional..** Então, por que que você botou no livro, entendeu? Aí,  
 297 ele tem toda razão, né? Quer dizer eu até dei uma resposta muito boa  
 298 pra ele, que também não convenceu por causa das crenças dele. Então,  
 299 essas crenças dele aparecem no material que ele escreve. **E você**  
 300 **respondeu..** Eu respondi o seguinte, que a sala de aula ela tem também  
 301 uma função de.... ela não tem que ser real o tempo todo, né? Você pode  
 302 ter momentos em que você utiliza uma língua que pode não ser muito  
 303 real para estabelecer um conceito, uma forma na cabeça do aluno.  
 304 Depois você diz: “Aprendeu isso aí? Legal, agora o que se usa mesmo é  
 305 isso, tá?” Entendeu? Tipo você não precisa dizer “*I’m cooking*”, mas  
 306 você precisa saber que isso existe. Entendeu? Então, foi isso o que eu  
 307 falei pra ele.
- 308 *Pesquisadora* **Você consegue identificar assim palavras recorrentes, tipos de**  
 309 **enunciados...**
- 310 *ZZ* Mais ou menos, né? Isso acontece sim. A gente procura, por exemplo,  
 311 ser o mais econômico possível nos enunciados. E você nota que isso tá  
 312 acontecendo na maioria dos livros também e alguns é.... eu não sei se  
 313 eu saberia identificar um autor pelas *rubrics*...
- 314 *Pesquisadora* **Você acha que você escreve da maneira como você fala**  
 315 **normalmente? Você costuma usar as palavras que você usa**  
 316 **oralmente?**
- 317 *ZZ* Você diz em textos e coisas assim? **No enunciado.**  
 318 Ah, no enunciado... É, o que a gente fez nos nossos materiais a gente  
 319 estabeleceu os termos das *rubrics*. Então, certo tipo de coisa vai ser dito  
 320 sempre da mesma maneira. Pra não ficar assim, o aluno sabe o quê que  
 321 tem que fazer, mas ele não tá identificando, ele saberia se você tivesse  
 322 falado como ele tá acostumado. Você falou de um jeito diferente, pra  
 323 quê? Instrução é uma coisa importantíssima no material, mas ela deve  
 324 fazer exatamente a proposta dela: instruir. Ela não pode complicar. Ela  
 325 não tem que fazer o professor perder tempo. O objetivo é .... Deixa eu  
 326 ver o quê que eu falei aqui rapidamente.... (o entrevistado consulta seu  
 327 questionário respondido)... Eu acho que instrução tem que ser simples,  
 328 objetiva e o menos elaborada possível.
- 329 *Pesquisadora* **Você acha imprescindível que o autor de LD tenha sido, ou seja,**  
 330 **professor da matéria sobre a qual escreve? Por quê?**

- 331 ZZ Ah, eu acho que não tem como não ser diferente. Porque se você tá  
 332 escrevendo pra um professor usar e para o aluno ter sucesso. Pôxa,  
 333 você tem que saber o quê que o cara precisa, né? Basicamente se você  
 334 não for, se a sua orientação... eu não consigo falar isso em português...  
 335 pra você ser *client-oriented*, quer dizer, você tá pensando no sucesso  
 336 daquele que vai usar, né? Você tem que saber, conhecer esse cara. Tá,  
 337 você pode conhecer de outras maneiras, vai lá assiste quinhentas aulas,  
 338 tudo bem, acho que funciona, mas se você tem a experiência, nada  
 339 melhor.
- 340 *Pesquisadora* **Como você se sente em relação às críticas e revisões do seu**  
 341 **trabalho?**
- 342 ZZ Eu defendo meu ponto de vista até a morte, mas morro feliz quando  
 343 tenho que morrer! Entendeu? Por quê? Eu acho que é uma coisa  
 344 importante pra você produzir uma coisa boa, é você levar em  
 345 consideração o que as outras pessoas, como as outras pessoas vêm  
 346 aquilo que você fez. Você não pode se achar dono da verdade. Por que  
 347 você tem lá a sua experiência, mas as outras pessoas têm as delas.  
 348 Então, se você me vier como uma coisa assim, olha isso aqui não  
 349 funciona por causa disso, disso e disso, olha, que isso não tá legal por  
 350 causa de não sei o quê, eu vou te ouvir... Eu vou me defender também...  
 351 Eu vou dizer: “Não, eu acho que isso aqui funciona por isso, isso e  
 352 isso”, mas eu não tenho aquela coisa assim... eu não vou jamais dizer:  
 353 “Não, eu não vou te escutar!” Não, isso não. Eu acho até muito  
 354 positivo. Eu me lembro quando a gente tava fazendo o [nome da série  
 355 que o autor escreveu] no começo, a gente tinha a [nome da consultora  
 356 pedagógica] ela era a nossa editora, eu e a [nome de autor] éramos  
 357 escritores e a [nome da editora] éramos nós três, não tinha mais  
 358 ninguém. E a gente tinha brigas homéricas. Eu e a [nome do autor],  
 359 quer dizer eu com a [nome do autor]. A [nome do autor] não brigava,  
 360 não, porque ela é muito menos... é... ela se incomoda muito menos do  
 361 que eu com essas coisas, mas, com a [nome da consultora pedagógica]  
 362 muito seriamente. Mas, não é porque eu não quisesses ouvir ou porque  
 363 eu achava... é porque eu queria defender meu ponto mesmo, entendeu?  
 364 Agora, quando vem a crítica e a crítica é fundamentada, a pessoa me  
 365 mostra o que ela tá pensando claramente, não é só porque eu não quero,  
 366 quer dizer, se você disser; “isso não pode porque eu não quero”, aí não,  
 367 aí eu vou chiar. **Quer dizer, se houver uma justificativa plausível...**  
 368 Tem que ter! Eu posso até não concordar, mas posso entender e aí,  
 369 através daquilo, eu vou fazer as mudanças necessárias. E as críticas que  
 370 vêm depois, essas então, são excelentes. Elas são assim... Por quê? Se  
 371 eu tô assim escrevendo, como eu acabei de falar, de uma forma *client-*  
 372 *oriented*, quer dizer, o meu usuário, professor e aluno, tem que  
 373 aproveitar o máximo daquilo, eles tem que me dizer se tá funcionando,  
 374 né? Isso é fundamental. Então, você usou lá os meus livros, você viu  
 375 um monte de coisa que você achou que não deu certo e que podia ser  
 376 diferente, eu quero saber! Me conte, por favor. Porque na hora que eu  
 377 for fazer uma revisão no material, colocar novamente, é  
 378 importantíssimo a gente ter essa noção, né? Do quê que funcionou, do  
 379 quê que não funcionou, porque que funcionou pra ela e não funcionou  
 380 pra você, entendeu? Tem alguma coisa que a gente possa melhorar?  
 381 que funciona pra todo mundo? É fundamental...
- 382 *Pesquisadora* **Você pensa assim, que o livro ele é muito mais o resultado de um**  
 383 **trabalho de co-autoria do que de um trabalho individual?**
- 384 ZZ É, não necessariamente. Eu acho que a co-autoria ela é melhor pro  
 385 produto final, tá? E o editor, como eu falei, é um pouco autor também

386  
387  
388  
389  
390  
391  
392  
393  
394  
395  
396  
397  
398  
399  
400  
401  
402  
403  
404  
405  
406  
407  
408  
409  
410  
411  
412  
413  
414  
415  
416  
417  
418  
419  
420  
421  
422  
423  
424  
425  
426  
427  
428  
429  
430  
431  
432  
433  
434  
435  
436  
437  
438  
439  
440

*Pesquisadora*

*ZZ*

*Pesquisadora*

*ZZ*

*Pesquisadora*

por causa disso, né? Tem que ter e sempre tem. Você não tem só: o autor escreveu e o livro tá publicado: isso não existe! Agora, se você tiver mais de uma pessoa escrevendo, a gente poder trocar idéia, um mostrar pro outro, entendeu? Você vai melhorando enquanto faz. Isso é excelente. Eu acho que o produto melhor é feito a, pelo menos, quatro mãos. Eu acho.

**Ficou alguma coisa a mais que você gostaria de acrescentar?**

Deixa eu pensar aqui... Eu tenho muitas outras coisas pra dizer talvez, mas só se você me perguntar porque eu não vou saber dizer... Essa coisa aqui da tecnologia, você queria saber mais um pouquinho? **Tornar o professor virtual seria você.. que ele também possa não estar presente fisicamente..** É. É isso, tá? **Mas você acha ainda que é imprescindível a presença do professor em sala de aula?** Acho, acho. É, eu acho que o que eu tava querendo dizer aqui também é o seguinte, quer ver? É uma coisa que a gente tava conversando recentemente por causa do *interactive whiteboard*. Então, o quê que a gente pode fazer pra integrar a tecnologia de uma maneira boa, positiva pro aluno, né? Então, a idéia é assim, você pode trazer um pouco do que tem o material impresso e da sala de aula para o virtual. Como? É o professor... é você colocar lá no virtual exercícios, atividades, *listening viewing*, qualquer coisa desse gênero, é uma forma de você transportar o que é sala de aula para o virtual. Aí, a pergunta é: Você pode também trazer o virtual para a sala de aula? Quer dizer, fazer o virtual fazer o papel da sala de aula? Como é que você pode fazer isso? Então, eu acho que tem um caminho de duas vias assim. No momento que você diz pro aluno assim: olha, você aprendeu isso aqui hoje, agora você vai lá na *internet*, procura lá *sites*, textos, vídeos, vai no *ytube*, não sei o quê, e procura ver essa língua sendo usada lá. Você tirou da sua mão a responsabilidade da aprendizagem e passou pro aluno, tá entendendo? O aluno também tem o lado dele, quem aprende é ele, né? Isso é o que eu falava com os meus alunos o tempo todo: “olha, a única coisa que eu posso fazer aqui é ensinar, quem aprende é você, meu camarada, você tem que fazer a sua parte”, né? Então, o aluno pode aprender sem o professor? Claro que pode. A gente aprende o tempo todo, não tem professor, na vida, né? Você não tá aprendendo o tempo todo? O professor pode ajudar o aluno a aprender sozinho, né? Ou ele pode, ele guiar o aluno na aprendizagem virtual, tanto uma coisa quanto a outra. Entendeu? Ele pode dizer assim, olha, você vai lá e você se vira pra aprender sozinho, ou então: vai lá e faz isso, isso, isso e isso. Aí é você interferindo no virtual. Entendeu? Não sei se eu me fiz entender...

**Claro que sim. Está perfeito...**

Mas, tem esses dois caminhos, eu acho. Então, eu não tenho problema nenhum com essas coisas virtuais. Nenhum. E no ponto de vista de autor eu posso escrever pro virtual também! Eu posso escrever um curso inteiro pro cara aprender inglês no...

**É. Eu tava vendo ontem até uma reportagem, eu já peguei ela (*sic*) já começada, na TVE de um jornalista que agora ele escreve através de um *blog* então ele não usa mais jornal impresso, nada assim. E no *blog* dele, ele vê mil vantagens em que uma delas seria essa questão da interatividade. Sim. As pessoas vão lá e interagem com a notícia, mas são notícias mesmo! notícias verdadeiras, né? que acontecem no dia-a-dia, só que ao invés de verem num papel escrito, num jornal, ele (*sic*) escreve num *blog*. Aí a pessoa reage. Que é diferente de um *site* porque num *blog* a pessoa pode na hora deixar um comentário, uma resposta. Sei. Sei. Isso não existia antes.**

- 441 **Então, ele, quer dizer, ele está revendo a maneira dele de escrever,**  
 442 **mas ele não deixou de ser um escritor, não deixou de ser um**  
 443 **jornalista.** Exatamente. Ele não deixou. **É como aconteceria com um**  
 444 **autor se daqui pra frente ele precisasse ao invés de escrever livros**  
 445 **impressos começar a escrever livros virtuais!**
- 446 *ZZ* É. Eu acho. A dificuldade do livro virtual, né? qualquer coisa virtual é:  
 447 “*how do you make money with it?*” **É, pois é (risos).** Entendeu? Você  
 448 vai cobrar pro cara entrar? Você vai dar uma senha pra ele? Aí o amigo  
 449 dele pode entrar também, entendeu? Eu acho que a *internet*, né? Essa  
 450 coisa virtual toda, ela é um prenúncio de uma mudança muito grande na  
 451 estrutura das coisas, nesse sentido.
- 452 *Pesquisadora* **É. Tem umas primeiras coisas assim acontecendo. Já ouvi falar**  
 453 **também que, por exemplo, tem livros que eles chamam de *e-books***  
 454 **que você pode comprar um capítulo do livro, é como agora querem**  
 455 **fazer com os CDs, isso, isso com as músicas, você não precisa**  
 456 **comprar um CD inteiro, você compra as músicas que você gosta e**  
 457 **você faz o seu CD, você faz o seu CD. Com o livro seria mais**  
 458 **ou menos isso, seria bom, por exemplo, pras universidades, né? em**  
 459 **que você trabalha com muitos capítulos, é, exatamente assim,**  
 460 **fragmentados, e ao invés de você ficar, estar copiando,**  
 461 **“xerocando”... só que a cópia fica muito mais fácil. É. Você**  
 462 **compraria aquele capítulo, mas aí um compra e vinte usam! Pois é..**  
 463 Entendeu? Como é que fica isso? **Tem que ter uma outra**  
 464 **mentalidade, é uma coisa bem complicada...**
- 465 *ZZ* Eu acho que essas coisas vão, na verdade, no futuro, eu posso tá  
 466 enganado, elas vão perder esse valor de mercadoria. E aí as editoras  
 467 vão ter que se virar de outro jeito...
- 468 *Pesquisadora* **Inclusive essa questão de autoria já é um conceito meio até assim**  
 469 **arcaico... sim, as pessoas questionam muito isso, essa questão da**  
 470 **autoria, se realmente está fadada à extinção.. mas, ao mesmo**  
 471 **tempo, por exemplo, pra você se tornar uma pessoa consagrada no**  
 472 **meio acadêmico você precisa se consagrar através de autores.. Sim.**  
 473 **Então, o quê que é um autor, não é simplesmente aquele que**  
 474 **escreve, é aquele que confere autoridade a um trabalho.**  
 475 Exatamente. **Então, pelo menos ainda no meio acadêmico, imagina,**  
 476 **pra eu escrever uma dissertação eu tenho que me fundamentar...**  
 477 **você tem que ler “tanta” (no sentido de numeral) gente. Eu não posso:**  
 478 **“ah, eu acho. Não, eu não acho nada! Eu acho, sim a partir do que**  
 479 **eu li sobre fulano, fulano e sicrano. Isso. A autoria nesse caso, ela**  
 480 **ainda é imprescindível. Claro. Ainda é assim um reduto...**
- 481 *ZZ* É, eu acho que isso ainda vai demorar, isso ainda demora... Eu acho  
 482 que a questão comercial vai acabar antes. Vai ser muito interessante.  
 483 Não sei se a gente... Eu não vou tá aqui pra ver, não, mas o mundo tá  
 484 pra..., mas não vai ser tão rápido assim também, não.  
 485

## **Anexo 8**

### **Transcrição da entrevista com o autor NN**

- 01 *Pesquisadora* **Existe algum tópico que não foi mencionado no questionário sobre**  
 02 **o qual você acha relevante discorrer?**
- 03 *NV* Olha, eu acho que dois tópicos. 1) perguntar mais explicitamente qual é  
 04 a minha visão de linguagem e qual é a minha visão de ensino-  
 05 aprendizagem e como elas influenciam ou influenciaram no material  
 06 didático que eu produzo, como é que elas norteiam o material didático  
 07 que eu produzo. 2) eu vi que tem uma pergunta aqui que é assim: “Uma  
 08 definição de *ensino da língua* diz respeito a questões sobre a  
 09 abordagem (estruturalista, comunicativa) e métodos utilizados. Como  
 10 você analisa a **sua** visão de ensino da língua?” Você pediu uma análise  
 11 da minha visão, mas você não pergunta qual é a minha visão e como ela  
 12 tem implicações para as minhas propostas.
- 13 *Pesquisadora* **E qual é a sua visão?**
- 14 *NV* Ah, eu respaldo uma visão sociointeracional da linguagem e uma visão  
 15 sociointeracional de aprendizagem. E eu ainda coloquei que... e essa  
 16 visão, ela é norteadora de tudo que eu proponho nos livros que eu  
 17 produzo. Outra coisa que você não me perguntou e que eu acho que é  
 18 interessante é que a visão de linguagem e aprendizagem costumam  
 19 mudar quando o professor, né? eu botei aqui que eu sou autora didática  
 20 há 21 anos, né? Meus primeiros livros didáticos é... eu já não me  
 21 reconheço mais nos meus primeiros livros didáticos, né? Eu vejo que a  
 22 minha visão de linguagem e de aprendizagem era outra, né? então as  
 23 atividades propostas, o desenho do livro, e o que eu problematizo é  
 24 completamente diferente. Por que que eu mudei? Por que eu fui fazer  
 25 um mestrado, um doutorado, entrei em contato com outras visões de  
 26 linguagem e aprendizagem e isso, né? automaticamente...
- 27 *Pesquisadora* **Uma tendência de mercado: você acha que também influencia**  
 28 **você? A sua visão?**
- 29 *NV* Olha, uma tendência de mercado, no meu caso particular, não é que ela  
 30 influencie, mas uma visão de mercado ela é importante para a editora e  
 31 se você não fizer algumas concessões, a editora não publica seu livro.  
 32 Então, você tem que fazer muitas concessões e concessões que tem a  
 33 ver com as suas creanças para poder ter seu livro publicado. E essa seria  
 34 uma pergunta também importante, né? Até que ponto a editora  
 35 influencia escolhas que você tem, que você tem que fazer.
- 36 *Pesquisadora* **Eu vi que na maioria dos casos, na maioria das respostas a editora**  
 37 **não endossa suas visões. É uma realidade?**
- 38 *NV* É por que... eu não sei que tipo de autor você entrevistou e eu não sei se  
 39 acontece em todos os casos, mas quem... os autores que estão querendo  
 40 trazer uma visão nova, não é? Ele vai esbarrar com (*sic*) os  
 41 consumidores de livros didáticos, né? que são professores, mal  
 42 formados. A editora produz para o público b r a s i l e i r o e para o  
 43 professor b r a s i l e i r o do Rio de Janeiro, das grandes cidades, mas  
 44 também do interior lá da Bahia, ou como você disse, professores que  
 45 não tiveram formação ou que nem sequer cursaram universidade, então  
 46 a editora que tá comprometida com as vendas e ela se preocupa com a  
 47 inserção do livro no mercado, ela quer falar para esse público  
 48 multigeneralizado: o professor então que quer vir com idéias novas, que  
 49 não vão respaldar a tradição, ele constitui uma ameaça e aí ele tem que  
 50 negociar com a editora, senão a editora não vai achar que o livro dele é  
 51 interessante.
- 52 *Pesquisadora* **Como autor de LD você se sente um “autor menor”, com menos**  
 53 **prestígio ou poder de decisão em relação aos outros tipos de**  
 54 **autores?**
- 55 *NV* Um tratamento por parte das editoras? **É. E do público em geral. E**

- 56 **também da própria classe, dos próprios autores, a maneira como**  
 57 **eles se vêem, como eles se reconhecem.** Olha, eu acho que, eu não sei,  
 58 eu não posso falar em nome dos autores, né? como é que eles se  
 59 sentem. O que eu posso dizer é que o autor de livro didático ele seria  
 60 um autor menor sim porque ele é um profissional de educação e a  
 61 educação no nosso país não é valorizada, né? Então o autor de livro  
 62 didático estaria na escala dos autores um pouco menores. Com relação  
 63 à editora, não sei, se o livro é um *blockbuster*, né? um arrasa-  
 64 quarteirão, esse autor, ele tem regalias na editora. Não importa se ele tá  
 65 escrevendo sobre jardinagem, sobre educação, sobre física nuclear, né?  
 66 Pra editora e pro mercado o que conta é a sua inserção no mercado,  
 67 então eu sei de alguns autores, não gostaria de citar nomes aqui por  
 68 questões éticas, mas eles vivem de seus livros didáticos, viajam o Brasil  
 69 inteiro, respaldados pela editora, então esses autores têm suas portas  
 70 abertas, então tem muito prestígio. Para a editora a questão do que vale  
 71 mais ou menos é a inserção do autor e do livro no mercado. Para a  
 72 sociedade e para os autores, sim, o autor de livros didáticos por que tá  
 73 na área de educação seria sim um autor menor. Agora, se você  
 74 perguntar a minha opinião, eu como educadora eu acho a área  
 75 importantíssima, essencial, eu acho que nada vai mudar no país se a  
 76 gente não começar pelas mudanças na área educacional, mas aí sou eu,  
 77 né? não sei os outros autores mas assim, a sociedade vê, com certeza,  
 78 como um trabalho pouco importante e eu acho curioso que eu dou aula  
 79 no Inglês 7 e o Inglês 7 é o penúltimo semestre dos alunos e muitos  
 80 deles já estão no mercado e eu sempre faço essa pergunta: “Alguém  
 81 aqui já pensou em ser escritor, produtor de material didático?” Nunca  
 82 vem uma resposta positiva, assim afirmativa.
- 83 *Pesquisadora* **E você consegue detectar o porquê dessa indiferença, não chegam**  
 84 **nem a pensar nisso por quê?**
- 85 *NV* É... não sei, não sei.
- 86 *Pesquisadora* **Seria justamente talvez por isso? Por acharem que não é uma coisa**  
 87 **assim... uma profissão de valor, de prestígio?**
- 88 *NV* Não... Não posso afirmar isso, mas eu acho que talvez é o hábito  
 89 também de não ser autor do seu próprio material, não ser responsável  
 90 pela sua própria prática e ainda uma visão de que o livro didático é o  
 91 norteador do trabalho didático e talvez por julgarem uma tarefa assim...  
 92 muito acima das suas possibilidades...
- 93 *Pesquisadora* **Como você se sente quando encontra no LD de um outro autor**  
 94 **algum conteúdo bastante semelhante ao seu?**
- 95 *NV* Como eu me sinto? Olha, eu não... assim, não me recordo de ter tido  
 96 essa experiência, não porque eu seja absolutamente original, não, não é  
 97 isso. Não conteúdo programático, mas idéias? **Exercícios, enunciados,**  
 98 **idéias...** Olha, se o exercício for um exercício que eu goste, que eu  
 99 julgue importante e eficaz pra fazer um trabalho de relevância eu vou  
 100 ver com muito bons olhos, assim.. que bom, né? Que bom que outras  
 101 pessoas então pensam como eu, não porque o quê eu penso é melhor,  
 102 mas assim... que tenha uma crença que eu julgue que seja eficaz ou que  
 103 leve a um processo de aprendizagem melhor, mas eu acho que eu não  
 104 viria com maus olhos, não.
- 105 *Pesquisadora* **Em relação ao tópico que diz respeito a como você se sente em**  
 106 **relação à possível cópia ilegal de sua obra, você colocou que você**  
 107 **não se importa, pra você, você acha que o conhecimento ele tem**  
 108 **que ser divulgado para todos. Essa crença é motivada por quais**  
 109 **convicções? Esse desprendimento vem de onde? Qual é a origem?**
- 110 *NV* A origem? É isso. Primeiro você não detém conhecimento e

- 111 conhecimento é pra ser compartilhado, socializado por que eu acho que  
 112 o conhecimento funda quem somos. Então, se um autor, por exemplo,  
 113 eu publico um livro e aí tem um livro que é publicado dois anos depois  
 114 de mim e eu vejo ali uma idéia semelhante, né? Que bom então que  
 115 esse autor, se for cópia, se for realmente uma cópia, eu acho que bom  
 116 que ele então viu, gostou e achou relevante. Ele achou relevante  
 117 considerar um outro ponto de vista. Eu acho que conhecimento é pra  
 118 ser socializado porque eu acho que muda o modo de ser. Então, se  
 119 alguém quiser me copiar é porque achou relevante, que é um  
 120 conhecimento importante e que bom! Quanto mais você socializar... pra  
 121 mim melhor. Nem todos os conhecimentos são bons, não é? Eu não  
 122 acho que qualquer cópia seja boa. Eu não vou copiar, por exemplo, um  
 123 material fascista, nazista, não é? Mas, se as conseqüências éticas das  
 124 suas idéias são boas, benéficas, que todo mundo copie!
- 125 *Pesquisadora* **Enquanto elabora seu material, você se previne de alguma forma**  
 126 **em relação ao acesso indevido por terceiros a esse material?**  
 127 **(plágio, espionagem). Mas não partindo de uma determinação da**  
 128 **editora, partindo de você mesma, se você acha importante haver**  
 129 **esse cuidado, haver esse sigilo enquanto o material está sendo**  
 130 **produzido.**
- 131 *MV* Ao longo do processo de produção? **Isso...** Não, porque eu costumo  
 132 pilotar o material antes, pedir a colegas e professores que testem as  
 133 atividades nas salas de aula e dêem *feedback*. E é como eu digo, se o  
 134 professor achar que é uma boa idéia e quiser adaptar ótimo, melhor  
 135 ainda. **Mesmo antes de o material estar pronto?** Mesmo antes porque  
 136 o material não é uma coisa isolada, não é? O material é um todo que  
 137 reflete uma postura filosófica, educacional, uma visão de linguagem,  
 138 uma visão de aprendizagem, não tem perigo que uma pessoa possa  
 139 pegar uma atividade do seu livro e quiser copiar e botar em outro lugar,  
 140 com certeza vai fazer parte de um outro contexto, será uma coisa  
 141 diferente, né?
- 142 *Pesquisadora* **Você concorda com a afirmação de que as publicações atualmente**  
 143 **são todas muito parecidas? Em caso afirmativo, como você explica**  
 144 **esse fato?**
- 145 *MV* Sim. Acho que sim. Os livros didáticos têm que seguir uma tendência,  
 146 seguem a tendência do mercado, seguem o que tá na moda, então, por  
 147 exemplo, tá na moda agora que os livros didáticos tragam o carimbo de  
 148 acordo com os parâmetros e aí, quando a gente vai ver os livros  
 149 didáticos não são de acordo com os parâmetros e eles têm que seguir  
 150 aquele ritual, por exemplo, áreas temáticas que têm que ser cobertas,  
 151 um livro, por exemplo, para a quinta-série tem ter a lição de *Clothing*,  
 152 *Food, Eating Habits*, tem que ter a lição de Cores, tem que ter a lição  
 153 de, sei lá, de apresentação. Enfim, grupos temáticos que têm que ser  
 154 abordados, o que norteia as lições ainda é uma orientação estrutural,  
 155 não é? Por que os professores ainda trabalham com o *syllabus* que tem  
 156 que ser igual pra todos e é um *syllabus* estrutural: primeiro livro de  
 157 quinta-série tem que ter *Simple Present*, tem que ter *Present*  
 158 *Progressive*, e sei lá alguns itens gramaticais. E é isso que norteia as  
 159 escolhas e a organização. E isso é igual pra todos, porque também se  
 160 não tiver o livro não vende, né? Porque são os professores que  
 161 compram os livros, a partir da quinta série o governo compra livro de  
 162 inglês. Então, se não tá dentro daquilo que o professor aprendeu e julga  
 163 que é bom e dos *requirements* do... como que chama? Tá me faltando...  
 164 o... não é *syllabus*, *syllabus* a gente usa, do programa oficial, né? O  
 165 professor não adota, e aí ele acha que o livro ou não é bom... Eu tenho

- 166 uma experiência como autora na minha série mais recente que é de  
 167 2000 que eu produzi com a [nome de autor] que é o [nome do livro], o  
 168 que norteou as escolhas para a organização dos livros foi o uso e os  
 169 itens dos sistemas que seriam usuais, que as crianças poderiam logo  
 170 usar, então teria que ser... é... a nossa escolha foi a necessidade de se  
 171 usar em certos contextos, certos itens do nível sistêmico. Então, por  
 172 exemplo, o verbo *to be* não aparecia no primeiro livro, nem o *Present*  
 173 *Progressive*, porque a gente começou com perguntas com *do/does: Do*  
 174 *you like? Do you like? I like. Do you need? I need. Do you want?* E  
 175 tinha mais um que eu já não me lembro agora ... Um professor ligou pra  
 176 editora perguntando aonde estava o verbo *to be*, aonde estava o *Present*  
 177 *Progressive*. Então você vê que essa é a preocupação, é por isso que os  
 178 livros são mais ou menos iguais. Eu acho que tem um  
 179 comprometimento com o mercado e um comprometimento com o  
 180 programa oficial, não é? Que ainda é gramatical, embora a gente tenha  
 181 os Parâmetros, mas os Parâmetros são parâmetros, são linhas  
 182 norteadoras, não são o currículo oficial.
- 183 *Pesquisadora* **Você acha imprescindível que o autor de LD tenha sido, ou seja,**  
 184 **professor da matéria sobre a qual escreve? Por quê?**
- 185 *NV* Ah, sim. Lógico. Lógico. **Por que?** Sim, porque se ele não foi  
 186 professor, se ele não tem a experiência de sala de aula, não é? de  
 187 interação com os alunos, uso de livro didático, e experiências nesse  
 188 contexto, eu acho que ele tem um conhecimento falho, porque o  
 189 conhecimento teórico, né? que é o conhecimento declarativo não dá  
 190 conta de tudo. Ele tem que ter um conhecimento também *procedural* da  
 191 prática. Eu acho que quem tá na posição ideal de ser autor de livro  
 192 didático é o professor pesquisador. É o professor que tem experiência  
 193 de sala de aula e que tem hábito de investigar sua própria prática e a  
 194 prática de outros. Eu acho que esse seria o professor que estaria numa  
 195 posição ideal pra implementar esse trabalho, ou o professor que tem por  
 196 hábito pesquisar a prática didática de outros professores, mas o contato  
 197 com a sala de aula e com o aluno e o conhecimento do que está em jogo  
 198 na sala de aula, eu acho que é fundamental. Agora isso não é comum,  
 199 né? Muitos autores de livros didáticos não são professores, não estão na  
 200 sala de aula. **Mas já estiveram? A maioria já esteve?** Alguns. Outros  
 201 não.
- 202 *Pesquisadora* **Você acha então que no momento da concepção da unidade, vamos**  
 203 **pensar em termos de uma unidade dentro de um livro, o autor, ele**  
 204 **concebe como se fosse uma aula? Como se ele estivesse fazendo um**  
 205 **plano de aula?**
- 206 *NV* É. Não entendi porque eu tô pensando numa complementação a minha  
 207 pergunta. É que você para poder produzir seu material você tem que  
 208 saber quem é seu interlocutor, né? E o seu interlocutor é o professor, o  
 209 aluno de diferentes idades, é a instituição e as pessoas que participam  
 210 daquela instituição. Então, se você não tem essa experiência você não  
 211 tem... você vai projetar um interlocutor que você desconhece. Por isso  
 212 que eu acho que tem que ter tido essa experiência, sim. Ou ter profundo  
 213 conhecimento pra quem você tá escrevendo, quem é seu interlocutor.
- 214 *Pesquisadora* **Você costuma criar dessa forma? Quando você vai pensar numa**  
 215 **unidade dentro do livro você concebendo a unidade assim, como se**  
 216 **fosse um plano de aula? Aí você procura cercar todas as**  
 217 **possibilidades? O olhar do professor, do aluno, como é que aquela**  
 218 **atividade vai ser realizada pelo professor, pelo aluno?**
- 219 *NV* Ah, sim. Primeiro eu parto sempre de um trabalho de pesquisa, eu faço  
 220 um levantamento junto aos alunos de áreas de interesse, conforme

- 221 vou... e perfil daquela faixa etária, pra quem que eu vou escrever, não  
 222 é? Pra criança? Pra criança de cinco, de seis, de oito, de doze, não é?  
 223 porque são interlocutores diferentes... Eu penso também no público  
 224 alvo específico, eu vou escrever um livro para o público brasileiro, né?  
 225 É muito vasto. É pra quê: é pro aluno de cidade? de cidade grande? é  
 226 pro aluno que tem mais exposição à língua estrangeira? é pro aluno que  
 227 não tem exposição nenhuma? Tudo isso eu levo em consideração e  
 228 também piloto as atividades, as propostas e os projetos antes deles  
 229 realmente serem incluídos no livro. Agora, quando eu tô organizando e  
 230 concebendo a lição eu levo em consideração a grade, né? quanto tempo  
 231 de aula e levo em consideração também esse professor que vai interagir  
 232 com aquele material e as perguntas, eu tento antecipar as perguntas que  
 233 ele se poderá fazer. Por isso que eu sempre faço o guia do professor,  
 234 manual do professor, mas te digo é... *step by step*, mas te digo os  
 235 professores não costumam, eles têm preguiça de ler o manual do  
 236 professor.
- 237 *Pesquisadora* **E você acha imprescindível que o autor que escreve o livro que vai**  
 238 **ser usado em sala de aula deva ser ele também que escreva o**  
 239 **manual do professor?**
- 240 *NV* Ah, sim. Eu acho. Senão... [interrupção da entrevista]
- 241 *Pesquisadora* **Como você se sente em relação às críticas e revisões do seu**  
 242 **trabalho?**
- 243 *NV* Eu acho que as críticas são fundamentais. O livro ele precisa ser  
 244 atualizado na sala de aula e quando ele é atualizado na sala de aula e  
 245 entra em contato então com vários participantes, o professor e os  
 246 alunos, é... ele ganha uma nova autoria, eu não acho que o livro tá  
 247 pronto. Os alunos, e quem usa o livro é co-autor nesse sentido e aí, ele  
 248 ganha uma nova luz, novas questões são suscitadas e que também só  
 249 podem ser suscitadas ali. Então, o ideal é que o professor mantivesse  
 250 sempre contato constante com os usuários do livro: alunos e  
 251 professores. Eu tentei fazer isso, mas isso não é um hábito. Não é um  
 252 hábito no país nem nas editoras. Eu sempre que posso eu vou dar  
 253 palestra, explicar, mas não só pra isso, mas também pra haver uma  
 254 interação com quem usa o livro. E eu acho esse retorno fundamental, de  
 255 extrema importância. E eu acho que os professores têm que ser ouvidos  
 256 porque eles têm algo importante a dizer. O livro não está pronto depois  
 257 que ele sai fresquinho da editora.
- 258 *Pesquisadora* **Entendi, agora as revisões e as críticas durante o momento da**  
 259 **produção, como é que elas são recebidas?**
- 260 *NV* Durante o momento da produção? São incorporadas, não é? A maioria  
 261 são incorporadas. **Naturalmente? Assim sem nenhuma objeção?** É,  
 262 senão a gente não pediria crítica, pedir crítica só por pedir... por isso  
 263 que a gente pilota. Não, são essenciais durante o processo de produção  
 264 e depois também.
- 265 *Pesquisadora* **Ficou alguma coisa a mais que você gostaria de acrescentar?**
- 266 *NV* Não, acho que não. Depois que me ocorrer, se me ocorrer depois eu te  
 267 digo.
- 268 *Pesquisadora* **Então tá.**
- 269 *NV* Agora eu acho que falta ainda, assim... o que eu penso como autora é  
 270 que falta ainda uma tradição de uma interação maior entre produtor de  
 271 livro didático e usuário de livro didático. Isso tá faltando. Agora,  
 272 interessa ao mercado? Por que as editoras teriam que patrocinar isso. E  
 273 depois se proporem a incorporar esses comentários no manual da  
 274 edição, etc e etc. Isso eu acho que falta, isso eu acho que seria  
 275 essencial.

276 *Pesquisadora* **Fica um abismo, né?**  
277 *NV* **É. É...**